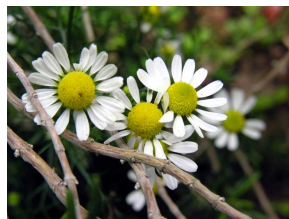


CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



**USO E CONHECIMENTO TRADICIONAL DE PLANTAS
MEDICINAIS NO SERTÃO DO RIBEIRÃO,
FLORIANÓPOLIS/SC, BRASIL**

MARIANA GIRALDI

Orientadora: NATALIA HANAZAKI

Florianópolis, julho de 2009

“Sofremos demasiado pelo pouco que nos falta e alegramo-nos
pouco pelo muito que temos”.

William Shakespeare

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e à meu pai!

Por tornarem possível minha existência e por serem sempre meus melhores amigos.

Obrigada por tudo. Eu amo vocês.

Agradeço à meu irmão, a quem estou ligada pelo amor, pelo sangue e pelas raízes ancestrais.

Por ser meu companheiro de estrada em todas as horas.

Agradeço à minha orientadora, Natalia Hanazaki, pela oportunidade em participar do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica e pela orientação dada durante o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço ao Alexandre Mariot, à Elisa Gandolfo Martins e à Ana Luiza Arraes, por aceitarem participar da banca do meu TCC.

Agradeço à Miriam Falkenberg e à Tatiana Mota Miranda, pela avaliação do projeto de TCC.

Agradeço à Vic, Aninha e Mel pelas companhias agradáveis nas visitas ao Sertão, pelas idas à cachoeira e pelas reflexões etnobiológicas.

Agradeço também ao Japa, ao Thiaguinho e ao Briga, que me acompanharam em algum momento nas minhas idas à comunidade.

Agradeço à equipe do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica. Pelos momentos compartilhados e pelas trocas de conhecimento.

Agradeço à Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis (FLORAM), por autorizar minha pesquisa dentro dos limites do Parque Municipal da Lagoa do Peri.

Agradeço à UFSC e ao CCB pela oportunidade de cursar Ciências Biológicas.

Agradeço aos professores da Bio, em especial àqueles que marcaram minha formação acadêmica. Ao Paulo Hoffman, por conduzir as aulas de genética e evolução com excelência; ao Carlos Pinto, pela descontração durante as aulas de parasitologia; à Verinha, pela autenticidade; e à Tânia, pelos conhecimentos de ecologia transmitidos.

Agradeço especialmente aos professores Ademir Reis e Daniel Falkenberg. Pela ajuda na identificação taxonômica de minhas coletas botânicas e pelas excelentes aulas e saídas de campo das disciplinas de Botânica.

Agradeço às fontes financiadoras desta pesquisa, CNPq e PIBIC, por investirem em mim.

Agradeço à Shirley e à professora Moema, integrantes do Horto de Plantas Medicinais do Hospital Universitário, por terem me ensinado mais sobre plantas medicinais.

Agradeço enormemente ao Seu Paulo e aos motoristas da UFSC, que facilitaram as minhas visitas à comunidade do Sertão do Ribeirão e que me fizeram dar boas gargalhadas.

Agradeço à meus amigos, minhas maiores conquistas. Por contribuírem na formação do que sou hoje e por me darem esperanças de um mundo melhor. Obrigada por vocês serem tão especiais.

Agradeço também aos companheiros do Curso de Ciências Biológicas, que me acompanharam em alguma fase da minha vida universitária.

Por fim, desejo expressar minha enorme gratidão à comunidade do Sertão do Ribeirão, especialmente aos colaboradores desta pesquisa. Durante todo este tempo de interação tive a oportunidade de conhecer pessoas incríveis, que me acolheram em seus lares, com quem me diverti, com quem compartilhei, com quem aprendi. Estar com vocês foi um grande aprendizado, não somente acadêmico, mas para a vida. Obrigada pela confiança e por me oferecerem seu tempo, ajudando na criação deste trabalho. Obrigada também pela companhia, pelos cafezinhos, pelas conversas ... Sentirei saudades!

É com grande satisfação que realizei este Trabalho de Conclusão de Curso.

Muito obrigada a todos vocês!

SUMÁRIO

ÍNDICE DE FIGURAS.....	05
ÍNDICE DE TABELAS.....	07
RESUMO.....	08
INTRODUÇÃO.....	09
Pessoas, plantas e a abordagem etnobotânica.....	09
Plantas medicinais e o Sistema Único de Saúde (SUS).....	10
Diversidade cultural e conservação da biodiversidade.....	11
OBJETIVOS.....	12
Objetivo geral.....	12
Objetivos específicos.....	13
ÁREA DE ESTUDO.....	13
O Sertão do Ribeirão.....	13
Parque Municipal da Lagoa do Peri.....	15
METODOLOGIA.....	17
Coleta de dados.....	17
Análise de dados.....	20
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	21
Perfil sócio-econômico.....	21
Listagem livre de plantas medicinais.....	22
Informações específicas sobre as plantas medicinais citadas.....	31
Diversidade e uso de plantas medicinais.....	37
Importância das plantas medicinais para os moradores do Sertão.....	41
Retorno de resultados.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
ANEXOS.....	53
Anexo 01 – Formulário de caracterização sócio-econômica.....	53
Anexo 02 – Termo de Consentimento.....	54
Anexo 03 – Autorização da Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis.....	55
Anexo 04 – Formulário utilizado nas entrevistas sobre plantas medicinais.....	57
Anexo 05 – Ilustrações das espécies mais representativas.....	59
Anexo 06 – Folder (capa e contracapa).....	60
Anexo 07 – Cartilha.....	60

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01	Comunidade do Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	14
Figura 02	Trecho da estrada Francisco Thomas dos Santos, Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	15
Figura 03	Ponto de coleta de lixo, Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	15
Figura 04	Mapa de localização e zoneamento do Parque Municipal da Lagoa do Peri.....	16
Figura 05	Listagem livre de plantas medicinais e entrevista semi-estruturada realizada com morador do Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	19
Figura 06	Turnê-guiada realizada com morador do Sertão do Ribeirão no quintal de sua propriedade, Florianópolis/SC.....	20
Figura 07	Famílias botânicas das plantas medicinais citadas em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	30
Figura 08	Hábitos de vida das plantas medicinais citadas em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	32
Figura 09	Partes das plantas medicinais citadas em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	32
Figura 10	Formas de uso das plantas medicinais citadas em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	33
Figura 11	Categorias das indicações terapêuticas das plantas medicinais citadas em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	34
Figura 12	Categorias das indicações terapêuticas do uso de medicamentos industrializados e do uso de plantas medicinais, em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	39

Figura 13	Curva de acumulação de espécies em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	40
Figura 14	Relação entre número de encontros e número de plantas medicinais citadas, por entrevista, em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	41
Figura 15	Exposição fotográfica “Pessoas e Plantas no Sertão do Ribeirão” no estande do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, exibida durante a 7ª SEPEX, UFSC, Florianópolis/SC.....	43
Figura 16	Café colonial organizado por estudantes do Curso de História da UDESC e realizado no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	44
Figura 17	Café colonial organizado por estudantes do Curso de Ciências Biológicas da UFSC e realizado no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	44

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 01	Dados sócio-econômicos de 13 entrevistas realizadas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	21
Tabela 02	Listagem de espécies ou morfoespécies citadas em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	23
Tabela 03	Categorias de doenças segundo WHO (2007)* e indicações terapêuticas das plantas medicinais citadas em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	35
Tabela 04	Diversidade de plantas medicinais e proporções de nativas e exóticas, silvestres e cultivadas, citadas por homens e mulheres, em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.....	38

RESUMO

GIRALDI, M. 2009. **Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC, Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Graduação em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, Brasil.

A percepção sobre o poder curativo de algumas plantas, observada em diferentes culturas, é uma das muitas formas de relação entre populações humanas e plantas. Essa relação é objeto de estudo da Etnobotânica, área do conhecimento científico que aborda as interações entre pessoas e plantas em sistemas dinâmicos. Nesse contexto, foi realizado um levantamento etnobotânico sobre o uso e o conhecimento tradicional de plantas medicinais na comunidade do Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC. Fruto da colonização açoriana, essa localidade se mantém relativamente afastada do meio urbano. Inserida no domínio da Mata Atlântica, está localizada dentro dos limites do Parque Municipal da Lagoa do Peri, o qual se encontra atualmente em processo de recategorização ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. As metodologias de coleta de dados utilizadas neste trabalho foram: listagem livre, entrevista semi-estruturada, turnê-guiada, fotografias, coleta de material botânico, identificação taxonômica e anotações no diário de campo. Foram realizadas 13 entrevistas com moradores do Sertão do Ribeirão, 08 com mulheres e 05 com homens, sendo identificadas 114 espécies ou morfoespécies de plantas medicinais, distribuídas em 48 famílias botânicas. As plantas medicinais são obtidas, principalmente, nos quintais dos entrevistados e em áreas de mata vizinhas; a maioria é herbácea e a parte mais usada é a folha, geralmente para a preparação de chá, por decocção. A diversidade de plantas medicinais conhecida no Sertão é bastante elevada e a obtenção das plantas na própria comunidade sugere uma correlação entre uso/conhecimento de plantas medicinais e disponibilidade das mesmas. A flora medicinal local é representada, em boa parte, por plantas silvestres neotropicais, onde uma parcela significativa é nativa da região de Florianópolis. Não houve diferença significativa na diversidade de plantas medicinais citadas por homens e mulheres, nem nas proporções de plantas nativas e exóticas, silvestres e cultivadas, citadas por ambos os sexos. As indicações de uso de medicamentos industrializados mais citadas são para problemas de saúde relacionados aos sistemas circulatório, endócrino e osteomuscular; e as indicações mais citadas de uso de plantas medicinais são para problemas de saúde relacionados aos sistemas digestório, respiratório, genitourinário e nervoso. Isso evidencia uma complementaridade entre a medicina moderna e a medicina popular. A transmissão do conhecimento tradicional feito na própria comunidade, com pais/avós e vizinhos, demonstra uma rica herança cultural local sobre plantas medicinais.

Palavras-chave: Etnobotânica, plantas medicinais, Sertão do Ribeirão, Unidade de Conservação

INTRODUÇÃO

Pessoas, plantas e a abordagem etnobotânica

Desde os primórdios da existência humana, os homens buscam na natureza recursos para melhorar suas próprias condições de vida, aumentando suas chances de sobrevivência. Tal interação é fortemente evidenciada na relação entre seres humanos e plantas, uma vez que os usos dos recursos vegetais são dos mais diversos e importantes em várias culturas, como é o caso da alimentação e das finalidades medicinais, bem como a construção de moradias e a confecção de vestimentas (BALICK & COX, 1997).

Historicamente, muitas pessoas têm se interessado em entender as relações entre membros de sua própria cultura ou de diferentes grupos culturais e as plantas. Há pouco mais de um século foi cunhado o termo Etnobotânica, dentro de um contexto acadêmico, para designar o estudo dessas relações (MINNIS, 2000). Para DAVIS (1995), pessoas e plantas são co-dependentes e um dos objetivos de estudos etnobotânicos é o entendimento das complexas interações existentes entre os mesmos. A Etnobotânica aborda a forma como as pessoas incorporam as plantas em suas tradições culturais e práticas populares (BALICK & COX, 1997) ou, de acordo com ALCORN (1995), a Etnobotânica é o estudo das inter-relações entre humanos e plantas em sistemas dinâmicos. Segundo HANAZAKI (2006), “abordagens etnobotânicas podem fornecer respostas importantes tanto para problemas de conservação biológica como para questões direcionadas para o desenvolvimento local”.

O emprego de plantas medicinais para a manutenção e a recuperação da saúde tem ocorrido ao longo dos tempos desde as formas mais simples de tratamento local até as formas tecnologicamente sofisticadas de fabricação industrial. Mas, apesar das enormes diferenças entre as duas maneiras de uso, em ambos os casos o ser humano percebeu, de alguma forma, a existência de algo nas plantas que tem a propriedade de provocar reações benéficas ao organismo (LORENZI & MATOS, 2008).

Os primeiros europeus que no Brasil chegaram logo se depararam com uma grande quantidade de plantas medicinais em uso pelas inúmeras tribos indígenas que aqui viviam. Os conhecimentos sobre a flora local acabaram se fundindo àqueles trazidos da Europa. Além disso, muitas plantas conhecidas no Velho Mundo por suas propriedades medicinais induziram os europeus a testarem usos similares para as espécies nativas. Os escravos africanos deram sua contribuição com o uso de plantas trazidas da África, muitas delas originalmente utilizadas em rituais religiosos, mas também utilizadas por suas propriedades farmacológicas empiricamente descobertas. Até meados do século XX, o Brasil era um país essencialmente rural, com amplo uso da flora medicinal, tanto a nativa quanto a introduzida. Porém, com o início da industrialização e aumento da urbanização no país, o conhecimento tradicional passou a ser posto em segundo plano (LORENZI & MATOS, 2008).

De acordo com WERAGODA (1980)¹ *apud* ALCORN (1995), dados de mais de 20 anos atrás indicam que cerca de 80% da população mundial depende da medicina popular. As práticas relacionadas ao uso tradicional de plantas medicinais são o que muitas comunidades têm como alternativa para a manutenção da saúde ou o tratamento de doenças. No entanto, sua continuidade pode ser ameaçada pela interferência de fatores como: maior exposição das comunidades à sociedade envolvente e, conseqüentemente, às pressões econômicas e culturais externas; maior facilidade de acesso aos serviços da medicina moderna (AMOROZO, 2002); e deslocamento de pessoas de seus ambientes naturais para regiões urbanas, o que leva à perda do caráter utilitário do conhecimento acumulado (VALLE, 2002² *apud* PINTO *et al.*, 2006).

Por outro lado, para alguns autores (ALEXIADES & LACAZE, 1996³; CÂNDIDO, 1987⁴; ELISABETSKY & SETZER, 1985⁵; WAGLEY, 1988⁶ *apud* AMOROZO, 2004) a introdução da medicina moderna traz outra opção para as práticas de saúde locais já estabelecidas e pode não eliminar o uso da medicina popular. Ao invés disso, em muitas instâncias, procedimentos da medicina moderna e da medicina popular são empregados em conjunto.

Plantas medicinais e o Sistema Único de Saúde (SUS)

A percepção sobre o poder curativo de algumas plantas, observada em diferentes culturas, é uma das formas de relação entre populações humanas e plantas, onde diferentes concepções de saúde exercem um papel central nas práticas realizadas. Desde as civilizações mais antigas, o entendimento sobre saúde e bem-estar vem se mostrando heterogêneo, especialmente quando comparadas as cosmovisões ocidental e oriental.

¹ WERAGODA, P.B. 1980. Some questions about the future of traditional medicine in developing countries. **Journal of Ethnopharmacology** (2) 193-194.

² VALLE, T.L. 2002. Coleta de germoplasma de plantas cultivadas. In: AMOROZO, M.C.M.; MING, L.C. & SILVA, S.P. (eds.). Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. In: **Anais do I Simpósio de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste**. Rio Claro: Coordenadoria de Ciências Biológicas, Gabinete do reitor, UNESP/CNPq.

³ ALEXIADES, M.N & LACAZE, D. 1996. FENAMAD's Program in traditional medicine: an integrated approach to health care in the peruvian Amazon. In: BALICK, M.J.; ELISABETSKY, E. & SARAH, A.L. (eds.) **Medicinal resources of the tropical forest: biodiversity and its importance to human health**. New York: Columbia University Press.

⁴ CÂNDIDO, A. 1987. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades.

⁵ ELISABETSKY, E. & SETZER, R. 1985. Caboclo concepts of disease, diagnosis and therapy: implications for ethnopharmacology and health systems in Amazonia. In: PARKER, E.P. (ed.). **Studies in third world societies**. Williamsburg.

⁶ WAGLEY, C. 1988. Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos, tr. COSTA, C.S. Itatiaia e São Paulo: Editora da USP. (Tradução de Amazon town: a study of man in the tropics).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define o termo “saúde” não apenas como a ausência de doença, mas como a situação de perfeito bem-estar físico, mental e social do indivíduo, o que para muitos estudiosos é uma perfeição questionável, um tanto utópica (SEGRE & FERRAZ, 1997). A criação do Sistema Único de Saúde (SUS), aprovada pela Constituição Federal de 1988 e regulamentada pela Lei Orgânica de Saúde nº 8080/90 (PEREIRA, 1997) teve por finalidade alterar a situação de desigualdade na assistência à saúde da população brasileira, tornando obrigatório o atendimento público a qualquer cidadão. Dentre os princípios do SUS, destacam-se: o princípio da atenção integral à saúde, reconhecimento de que o indivíduo deve ser visto como um todo e não apenas como um órgão doente; e o princípio da participação, representação da população no processo de planejamento e gestão do SUS, o que pode ser feito através de Conferências e Conselhos de Saúde. No entanto, apesar do potencial em brindar um serviço de qualidade à população brasileira, o que se observa na atualidade é que o SUS apresenta diversas problemáticas: faltam equipamentos, leitos, medicamentos, profissionais da saúde, enfim, falta investimento.

Recentemente, em dezembro de 2008, foi instituído o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (MDS, 2009), que tem como objetivo inserir, com segurança, eficácia e qualidade, plantas medicinais, fitoterápicos e serviços relacionados à Fitoterapia no SUS. O programa busca também promover e reconhecer as práticas populares e tradicionais de uso de plantas medicinais e remédios caseiros. Para CHECHETTO (2006), a utilização das plantas medicinais faz parte da história da busca da saúde pela humanidade, trazendo fortes elementos tradicionais, que representam uma herança preciosa para os seres humanos.

Diversidade cultural e conservação da biodiversidade

No momento histórico presente, marcado pela destruição alarmante de florestas tropicais e outros ecossistemas, não somente a biodiversidade de plantas e animais vêm sendo afetada, mas também grupos humanos que dependem, essencialmente, dos ambientes onde estão inseridos (DAVIS, 1995). Segundo PLOTKIN (1988)⁷ *apud* MIRANDA (2006), tais grupos humanos, comumente chamados de comunidades tradicionais, estão desaparecendo mais rapidamente do que os ecossistemas que habitam.

Embora o conceito de comunidade tradicional seja de difícil definição, comunidades referidas como tradicionais têm características específicas, como: identidade étnica, atividades econômicas, vínculo histórico e ocupação de um determinado território. Inicialmente, com o surgimento da vertente preservacionista, tais comunidades se viram prejudicadas, uma vez que foram alvo de medidas políticas que as excluía de seus ambientes, geralmente de grande interesse ecológico.

⁷ PLOTKIN, M.J. 1988. The outlook for new agricultural and industrial products from the tropics. In: WILSON, E.O. (ed.). **Biodiversity**. Washington: National Academy Press.

Por outro lado, as comunidades tradicionais adquiriram, ao longo dos tempos, uma conotação bastante positiva no que concerne à conservação da biodiversidade (ESTERCI, 2008).

A diversidade cultural, reconhecida como importante para a conservação biológica, adquiriu maior destaque a partir da Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB), proposta em 1992, no Rio de Janeiro, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUCED). A CDB propõe regras para assegurar, em cada país signatário, a conservação da biodiversidade, o seu uso sustentável e a justa repartição dos benefícios provenientes do uso dos recursos genéticos (CUNHA, 1999). A implantação da CDB no Brasil deu-se por meio da Política Nacional de Biodiversidade (PNB) e, no que diz respeito ao acesso aos recursos genéticos, conhecimentos tradicionais e repartição de benefícios, por meio da Medida Provisória 2.186/2001, que criou o Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN) (PERONI *et al.*, 2007). No contexto atual, diversas opiniões são discutidas no campo político e acadêmico sobre o acesso ao conhecimento tradicional associado à biodiversidade.

Segundo estimativas, comunidades tradicionais ocupam quase 25% do território nacional, mas pouco disso é legalmente reconhecido (ESTERCI, 2008). No litoral sudeste e sul do Brasil existem, respectivamente, grupos populacionais de origem caiçara e açoriana, que habitam áreas de Mata Atlântica (MIRANDA, 2006). Investigações etnobotânicas trazem contribuições para a conservação da diversidade biológica e cultural de uma dada região estudada, através da compreensão de diferentes aspectos do comportamento humano, e também contribuem para o resgate e valorização do conhecimento tradicional local.

O presente estudo foi realizado na comunidade do Sertão do Ribeirão, a qual se encontra ao Sul da Ilha de Santa Catarina, dentro dos limites do Parque Municipal da Lagoa do Peri (PMLP). Estudos realizados no PMLP justificam-se por ser uma área dotada de recursos naturais importantes e por apresentar um ecossistema a ser conservado. E cada vez mais se reconhece que a exploração dos ambientes naturais por comunidades tradicionais pode nos fornecer subsídios para estratégias de manejo. Além disso, este trabalho justifica-se pela própria importância do conhecimento tradicional etnobotânico, uma vez que este representa formas de relação entre pessoas e plantas, neste caso representando a relação entre saúde, pessoas e plantas.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Realizar um levantamento etnobotânico sobre o uso e o conhecimento tradicional de plantas medicinais na comunidade do Sertão do Ribeirão, localizada em meio à vegetação de Mata Atlântica, na Ilha de Santa Catarina, Brasil.

Objetivos específicos

- Estimar a diversidade de plantas medicinais conhecidas no Sertão do Ribeirão;
- Acessar informações específicas sobre as plantas medicinais citadas relacionadas às suas indicações terapêuticas, partes da planta utilizadas, formas de preparo, modos de administração, armazenamento e modos de obtenção;
- Verificar como se dá a transmissão do conhecimento local sobre plantas medicinais;
- Verificar se o conhecimento tradicional local sobre plantas medicinais difere entre homens e mulheres;
- Analisar quais plantas medicinais são conhecidas e quais são usadas na comunidade estudada, permitindo diferenciar uso e conhecimento;
- Acessar informações sobre o uso de medicamentos industrializados, a fim de comparar a utilização da medicina moderna e da medicina popular no Sertão;
- Discutir sobre a importância do conhecimento etnobotânico de plantas medicinais para a comunidade em questão;
- Contribuir para a valorização do conhecimento tradicional local.

ÁREA DE ESTUDO

O Sertão do Ribeirão

O Sertão do Ribeirão (Figura 01) é uma localidade do município de Florianópolis que se encontra dentro dos limites do Parque Municipal da Lagoa do Peri (PMLP), numa região definida por seu zoneamento como Área de Paisagem Cultural, onde se localizam assentamentos e são praticadas atividades humanas tradicionais (SALGADO, 2002).

A origem histórica da ocupação do Sertão do Ribeirão, Sertão do Peri, ou ainda, Barreira do Ribeirão, tem seu marco inicial na Freguesia da Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha, instalada em 1761. Freguesia que se estruturou rapidamente como centro de atividades comerciais e extrativistas do sul da Ilha de Santa Catarina, e consistiu num ponto de expansão açoriana (PENTEADO, 2002; SILVA, 2000). A colonização da Ilha foi, no início, muito incerta. Acredita-se que a região da atual Florianópolis era muito pouco povoada até 1748, quando desembarcaram em suas terras os primeiros casais de agricultores oriundos das Ilhas dos Açores e da Madeira, modificando a paisagem social, econômica e política da região (CARUSO & CARUSO, 1997).



Figura 01: Comunidade do Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC. 02/2008 (Foto: Mariana Giraldi)

Os habitantes do Sertão se caracterizam pela origem rural. A análise do uso e ocupação da terra na área do atual PMLP (SALGADO, 2002) revela o desmatamento da vegetação entre as décadas de 1930 e 1970, em parte devido ao extrativismo de madeira e em parte para gerar novos espaços para o desenvolvimento de atividades agrícolas e pastagens; enquanto que no período de 1970 a 1990, com o declínio da agricultura e transformação da área em Parque, se observa uma vegetação secundária em regeneração. Atualmente, uma parcela da população residente do Sertão, representada pelos mais idosos, ainda cultiva mandioca e cana-de-açúcar, plantas essas utilizadas, respectivamente, na fabricação artesanal de farinha e aguardente.

De acordo com o cadastro de moradores da FLORAM 1997/1998 (PEREIRA, 2001), na década de 1990 a região do Sertão do Ribeirão possuía 147 habitantes, organizados em 35 famílias com residências fixas ou temporárias. Dados mais recentes⁸ apontam a existência de 44 residências, sendo 20 residências fixas, 22 temporárias e 02 abandonadas, totalizando um número estimado de 53 moradores fixos e 50 temporários.

A comunidade se mantém relativamente afastada do meio urbano. Localizada em meio a cadeias montanhosas, caracteriza-se pelo difícil acesso, que se dá pela estrada Francisco Thomas dos Santos (Figura 02). A localidade não conta com posto médico, escola de ensino médio e ensino fundamental de 5ª a 8ª série. O ensino fundamental até a 4ª série é oferecido na Escola Desdobrada Municipal do Sertão do Ribeirão, construída em 1978. Não existe sistema de esgoto no Sertão e o abastecimento de água é feito diretamente dos recursos hídricos locais, nascentes e cachoeiras. A coleta de lixo é feita com pouca frequência, sendo que parte dos

⁸ Comunicação pessoal com a agente de saúde do Sertão (2009)

resíduos fica acumulada (Figura 03) e parte é queimada pelos próprios moradores. Em pesquisa realizada por PENTEADO (2002), os moradores da Área de Paisagem Cultural apontaram, como maiores problemas na comunidade, a falta de saneamento básico e a infra-estrutura precária.



Figura 02: Trecho da estrada Francisco Thomas dos Santos, Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC. 12/2008
(Foto: Mariana Giraldi)



Figura 03: Ponto de coleta de lixo, Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC. 12/2008 (Foto: Mariana Giraldi)

Parque Municipal da Lagoa do Peri

O Parque Municipal da Lagoa do Peri está inserido no bioma Mata Atlântica, o qual compreende um conjunto de formações florestais e ecossistemas associados que se estende ao longo da costa brasileira, abrigando a maior parte da população brasileira e apresentando um dos maiores índices de diversidade biológica do planeta. A Mata Atlântica contribui enormemente para a preservação de mananciais e regulação climática regional. Porém, devido a um processo histórico de ocupação humana desordenada e exploração intensiva dos recursos vegetais, o bioma encontra-se atualmente bastante reduzido e fragmentado, seriamente ameaçado de extinção (SCHÄFFER & PROCHNOW, 2002).

Enquadrado na categoria Parque, conforme a Lei Municipal de Florianópolis nº 1828 de 04/12/81, o PMLP apresenta em seu domínio florestas primárias da Mata Atlântica, bem como florestas secundárias, abrigando a fauna e sendo de fundamental importância para o equilíbrio ecológico do manancial hídrico ali existente, a Bacia Hidrográfica da Lagoa do Peri, tombada como Patrimônio Natural do Município de Florianópolis em 1976, através do Decreto Municipal nº 1.408 (SILVA, 2000).

No ano de 1978, a fim de estabelecer bases para a criação do Parque, o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF) elaborou o Plano Diretor do Parque da Lagoa do Peri, delimitando 03 áreas em seu domínio: Área de Reserva Biológica, Área de Lazer e Área de Paisagem Cultural (PENTEADO, 2002) (Figura 04). “A Área de Paisagem Cultural destina-se ao desenvolvimento social da população residente, à proteção da fauna, flora e seu substrato, ao lado da conservação da paisagem resultante das atividades tradicionais na área” (Lei Municipal de Florianópolis nº 1828 de 04/12/81, art. 28).



Figura 04. Mapa de localização e zoneamento do Parque Municipal da Lagoa do Peri (Modificado de Penteado, 2002).

Em 18/07/2000, através da Lei Federal nº 9985, foi instituído o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC, 2004), quando foram estabelecidos critérios e normas para a criação, implantação e gestão das Unidades de Conservação (UC's). As UC's integrantes do SNUC foram divididas em dois grupos com características específicas: as Unidades de Proteção Integral, cujo objetivo é preservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais; e as Unidades de Uso Sustentável, que compatibilizam a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela de seus recursos naturais.

Como a existência do Parque Municipal da Lagoa do Peri se deu antes da criação do SNUC, o PMLP está, atualmente, em processo de recategorização. Isso pode implicar em desdobramentos para os moradores do Sertão do Ribeirão, na forma de novas regulamentações quanto ao uso dos recursos locais.

METODOLOGIA

Coleta de dados

A primeira etapa deste projeto consistiu em visitas informais à comunidade do Sertão do Ribeirão, no intuito de criar uma maior aproximação com os moradores antes de iniciar as entrevistas. Para isso, foram feitas visitas em conjunto com LACERDA (2008) na fase final de sua pesquisa etnobotânica. A seguir, utilizando dados sócio-econômicos (ver formulário de caracterização sócio-econômica no Anexo 01) já coletados em outras pesquisas realizadas no Sertão (ASSIS, 2007; LACERDA, 2008), iniciaram-se as entrevistas. Por se tratar de uma comunidade relativamente pequena, não foi feito nenhum tipo de seleção amostral, sendo visitadas todas as residências da localidade.

Foi adotado como critério entrevistar 02 moradores por residência, sendo estes um homem e uma mulher, chefes de família, a fim de verificar se o conhecimento tradicional difere segundo o gênero dos entrevistados. Segundo ALBUQUERQUE *et al.* (2008a), fatores como sexo, idade, ocupação e etnia devem ser levados em consideração ao elaborar um projeto de pesquisa, uma vez que podem interferir no conhecimento tradicional.

Inicialmente os objetivos da pesquisa eram explicados, solicitando a colaboração voluntária do(a) morador(a). Uma vez que o(a) mesmo(a) aceitava participar da pesquisa, assinava o Termo de Consentimento (Anexo 02) e dava-se início à entrevista. A realização desta pesquisa foi autorizada pela Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis (FLORAM) (Anexo 03), já que o Sertão do Ribeirão encontra-se dentro dos limites do PMLP.

Foram realizadas 31 idas à comunidade com duração de um a dois dias, entre fevereiro de 2008 e maio de 2009, totalizando 32 dias de trabalho de campo. A maior parte das visitas foi feita durante dias de semana, apenas 04 visitas foram feitas em fins de semana, o que colaborou para

o fato de não serem encontrados muitos dos moradores temporários do Sertão em suas residências no decorrer desta pesquisa. Houve 16 recusas de participação, por não haver interesse por parte dos moradores ou por estes não disporem de tempo.

As 13 entrevistas realizadas com moradores do Sertão do Ribeirão foram feitas numa média de 3,7 encontros para completar cada entrevista. As entrevistas mais curtas foram feitas em apenas 01 encontro e a mais longa em 09 encontros. Alguns moradores, além de conhecerem maior número de plantas medicinais e relatarem informações bastante detalhadas, o que fazia a entrevista se estender, conversavam sobre diversos assuntos entre uma citação e outra. Em outras ocasiões, quando havia interferência do(a) companheiro(a), por exemplo, o encontro era direcionado para outros temas que não fossem relacionados a plantas medicinais e postergado para outro momento.

As metodologias utilizadas para a coleta de dados foram: listagem livre, entrevista semi-estruturada (perguntas abertas e fechadas), turnê-guiada, fotografias, coleta de material botânico, identificação taxonômica e anotações no diário de campo (ALBUQUERQUE *et al.*, 2008b; ALEXIADES, 1996; AMOROZO & VIERTLER, 2008). Tais metodologias foram analisadas através das abordagens quantitativa e qualitativa. A abordagem quantitativa permite quantificar os dados coletados e a abordagem qualitativa tem como interesse acessar informações subjetivas sobre a inter-relação entre humanos e o ambiente vegetal (ALBUQUERQUE *et al.*, 2008b). Para AMOROZO & VIERTLER (2008), não há contradição entre a investigação quantitativa e a qualitativa, mas sim uma complementaridade entre aspectos diferentes de uma mesma realidade.

Através da listagem livre os colaboradores eram solicitados a citar nomes populares de plantas medicinais conhecidas e, a partir dessa listagem, eram direcionados à entrevista semi-estruturada (Figura 05), a fim de obter informações específicas sobre as plantas mencionadas, como: indicações terapêuticas, partes da planta utilizadas, formas de preparo, modos de administração, armazenamento, modos de obtenção e via de transmissão do conhecimento (ver formulário de entrevista no Anexo 04) (ALEXIADES, 1996).

A entrevista semi-estruturada também visou analisar quais plantas medicinais são conhecidas e quais são usadas na comunidade estudada, permitindo diferenciar uso e conhecimento, considerando também o uso de medicamentos industrializados. Para isso, como feito por AMOROZO (2004), os colaboradores foram questionados quanto ao uso, durante os seis meses anteriores à entrevista, das plantas medicinais citadas, bem como de medicamentos industrializados no mesmo período de tempo.



Figura 05. Listagem livre de plantas medicinais e entrevista semi-estruturada realizada com morador do Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC. 03/2009 (Foto: Victória Lacerda)

Os dados obtidos a partir de perguntas abertas da entrevista semi-estruturada foram analisados através de uma abordagem qualitativa, permitindo identificar alguns aspectos sobre a importância, para os entrevistados, de plantas medicinais. Nessa perspectiva, uma das ferramentas utilizadas na coleta de dados qualitativos foi o diário de campo, documento pessoal, onde se registram percepções sobre as relações do pesquisador com as pessoas e a situação de campo.

As turnês-guiadas (Figura 06) foram realizadas com os colaboradores no entorno de suas residências, em geral nos quintais, mas também em roças e áreas de mata vizinhas. A utilização dessa metodologia é muito valiosa, uma vez que os colaboradores podem validar e complementar informações já mencionadas e gerar novas informações (ALBUQUERQUE *et al.*, 2008b). As plantas citadas nas entrevistas foram fotografadas e coletadas durante as turnês. Os espécimes coletados foram prensados e secos em laboratório e identificados com o auxílio dos botânicos A. Reis e D. Falkenberg, UFSC. As excicatas estão depositadas na coleção de referência do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, UFSC. Nos seguintes casos a identificação taxonômica foi feita com base em pesquisas bibliográficas (CORRÊA, 1926; LORENZI & SOUZA, 2000; LORENZI & MATOS, 2008; REITZ, 1954): algumas plantas domesticadas identificadas localmente; plantas medicinais obtidas através da compra; e algumas plantas silvestres não encontradas. Para categorizar as espécies dentro das famílias botânicas foi adotado o sistema APG II (LORENZI & SOUZA, 2008). As regras de nomenclatura científica das espécies botânicas foram verificadas utilizando a base de dados do Missouri Botanical Garden (MOBOT, 2009).



Figura 06. Turnê-guiada realizada com morador do Sertão do Ribeirão no quintal de sua propriedade, Florianópolis/SC. 02/2008 (Foto: Natalia Hanazaki)

Quanto à origem das espécies, de acordo com o Glossário de Ecologia (WATANABE, 1997), espécie nativa é aquela que suposta ou comprovadamente é originária da área geográfica em que atualmente ocorre; ao passo que espécie exótica é aquela presente em uma determinada área geográfica da qual não é originária, introduzida geralmente pelo homem. Neste estudo foi feita a distinção entre espécies nativas e exóticas considerando a região Neotropical (PRANCE & NESBITT, 2005). A Flora Ilustrada Catarinense (LOURTEIG, 1969; REITZ, R., 1974; SACCO, 1980; SANDWITH & HUNT, 1974; SMITH & DOWNS, 1972; VATTIMO, 1979; WURDACK & SMITH, 1971) foi consultada a fim de complementar as informações, permitindo verificar a representatividade da flora medicinal nativa da região de Florianópolis.

As plantas medicinais consideradas neste trabalho incluíram, além daquelas indicadas para sintomas e doenças reconhecidos pela medicina moderna ocidental, também aquelas espécies indicadas para outras finalidades, tais como: *mau olhado*, *defumador* e para *espantar bruxas*. Sendo assim, como feito por AMOROZO (2002), tais indicações de uso foram agrupadas na categoria “doenças culturais”.

Análise de dados

Dados sócio-econômicos foram organizados numa tabela de contingência (VIEIRA, 1991).

As plantas medicinais usadas e conhecidas na comunidade foram categorizadas quanto às indicações terapêuticas de acordo com a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde proposta pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2007).

Para se ter uma indicação da diversidade de espécies em função do esforço amostral foi construída uma curva de acumulação de espécies, utilizando o software EcoSim (GOTELLI & ENTSMINGER, 2009). Uma das medidas de diversidade de espécies mais utilizadas é a riqueza

de espécies (ODUM, 1988). Para PERONI *et al.* (2008), a riqueza de espécies computada nas entrevistas depende das características dos entrevistados e da comunidade onde a pesquisa está sendo realizada, mas também do esforço amostral durante a coleta de dados.

A curva de acumulação de espécies também permitiu verificar a existência de diferença significativa entre a diversidade de plantas medicinais citadas por homens e mulheres. Para verificar se a proporção de plantas medicinais nativas e exóticas, silvestres e cultivadas, citadas por homens e mulheres, difere significativamente entre os dois gêneros, foi utilizado o teste chi-quadrado para independência (VIEIRA, 1991), sendo estabelecido nível de significância de 05%.

O coeficiente de correlação de Pearson (r) (VIEIRA, 1991) foi usado para analisar a correlação entre o número de visitas e o número de citações de plantas medicinais por entrevista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil sócio-econômico

Foram realizadas 13 entrevistas com moradores do Sertão do Ribeirão, sendo os colaboradores 08 mulheres e 05 homens. As entrevistas foram feitas em 09 residências fixas, não sendo possível entrevistar um homem e uma mulher por residência, uma vez que alguns moradores não demonstraram interesse em participar da pesquisa. A faixa etária dos entrevistados variou entre 28 e 84 anos, com 08 deles tendo mais de 51 anos. Todos os entrevistados são moradores fixos do Sertão, sendo que 09 são nativos dessa localidade. Os moradores não nativos (04) são cônjuges de moradores nativos e constituíram família no Sertão. A maioria dos entrevistados vive com o marido ou a esposa (69%) e sobrevive com uma renda familiar de 02 a 03 salários mínimos (62%) (Tabela 01).

Tabela 01. Dados sócio-econômicos de 13 entrevistas realizadas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.

Dados sócio-econômicos		
Sexo	Feminino	08
	Masculino	05
Idade	18 a 30 anos	01
	31 a 40 anos	03
	41 a 50 anos	01
	51 a 60 anos	04
	Mais de 60 anos	04

Origem	Nativo	09
	Não nativo	04
Estado civil	Solteiro	01
	Casado	09
	Outros	03
Número de filhos	Zero	01
	Um	04
	Dois	01
	Três	01
	Mais de três	06
Número de residentes	Um	00
	Dois	09
	Três	03
	Mais de três	01
Principal fonte de renda familiar	Aposentadoria	04
	Cargo em órgão público	05
	Trabalho autônomo	02
	Pensão	02
Renda familiar mensal	01 a 02 salários mínimos	03
	02 a 03 salários mínimos	08
	Mais de 03 salários mínimos	02

Listagem livre de plantas medicinais

A listagem livre de plantas medicinais permitiu identificar 114 espécies ou morfoespécies, distribuídas em 48 famílias botânicas (Tabela 02). As plantas mais citadas foram: maçanilha (*Chamomilla recutita*), hortelã-branca (*Mentha* sp1.), hortelã-roxa (*Mentha* sp2.), limão (*Citrus limon*), laranja (*Citrus aurantium*), erva-cidreira (*Melissa officinalis*), quebra-pedra (*Phyllanthus tenellus*), cipó-milome (*Aristolochia* sp.), espinheira-santa (*Zollernia ilicifolia*), boldo-da-terra (*Plectranthus grandis*), boldo-da-Amazônia (*Vernonia condensata*), caldo-santo (*Cnicus benedictus*), capim-limão (*Cymbopogon citratus*) e pata-de-vaca (*Bauhinia forficata*) (ver ilustrações no Anexo 05). A validação científica da ação terapêutica de algumas plantas medicinais e a concordância quanto ao uso de certas plantas numa comunidade, podem explicar,

em parte, o fato de algumas espécies estarem entre as mais citadas nas farmacopéias populares.

Tabela 02. Listagem de espécies ou morfoespécies citadas em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC. Abreviações: herbáceo (HER), trepador/epifítico (TRE), subarbustivo (SUB), arbustivo (ARS), arbóreo (ARB), nativo (N), exótico (E).

FAMÍLIA BOTÂNICA				
Espécie/morfoespécie	Nome(s) popular(es)	Hábito	Status	Nº de Citações
ADOXACEAE				
<i>Sambucus</i> sp.	Sabugueiro	ARB	N	03
ALLIACEAE				
<i>Allium cepa</i> L.	Cebola*	HER	E	01
<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	HER	E	01
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	HER	E	05
AMARANTHACEAE				
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Penicilina, erva-roxa**	HER	N	05
APIACEAE				
<i>Anethum graveolens</i> L.	Endro*	HER	E	01
<i>Centella asiatica</i> (L.) Urb.	Pata-de-mula	HER	E	01
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Funcho*	HER	E	03
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsa	HER	E	01
<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce*	HER	E	01
ARACEAE				
<i>Dieffenbachia</i> sp.	Comigo-ninguém-pode	HER	N	01
ARECACEAE				
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco-da-bahia*	ARB	N	01
ARISTOLOCHIACEAE				
<i>Aristolochia</i> sp.	Cipó-mil-homens, pau-cipó-milome**	TRE	N	07
ASPHODELACEAE				
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	HER	E	02
ASTERACEAE				
<i>Achillea millefolium</i> L.	Mil-folhas, anador	HER	E	02

<i>Achyrocline</i> sp.	Macela, macela-galega**	HER	N	05
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	SUB	E	04
<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Vassoura-branca**	ARS	N	01
<i>Baccharis</i> sp1.	Carqueja**	SUB	N	02
<i>Baccharis</i> sp2.	Vassoura-carqueja**	SUB	N	01
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão, picão-preto	HER	N	03
<i>Calea</i> sp.	(reconhecida, mas não nomeada)**	SUB	N	01
<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	Maçanilha, camomila	HER	E	10
<i>Cnicus benedictus</i> L.	Caldo Santo	HER	E	06
<i>Cynara scolymus</i> L.	Alcachofra*	HER	E	01
<i>Dahlia</i> sp.	Dália amarela	SUB	N	01
<i>Mikania</i> sp.	Guaco**	TRE	N	05
<i>Polymnia sonchifolia</i> Poepp.	Yacon	HER	N	02
<i>Sphagneticola trilobata</i> (L.) Pruski	Arnica	HER	N	02
<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Palma-crespa, catinga	HER	E	02
<i>Vernonia condensata</i> Baker	Boldo-da-Amazônia, boldo	ARS	E	06
<i>Vernonia scorpioides</i> (Lam.) Pers.	Cipó-São-Simão**	SUB	N	01
BIGNONIACEAE				
<i>Jacaranda puberula</i> Cham.	Carova**	ARB	N	02
<i>Tabebuia</i> sp.	Ipê-roxo**	ARB	N	02
BRASSICACEAE				
<i>Brassica</i> sp.	Mostarda*	HER	E	01
<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm.	Mastrusto, mastruz, menstrução	HER	N	03
BROMELIACEAE				
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi*	HER	N	02
<i>Tillandsia aeranthos</i> (Loisel.) L.B. Sm.	Gravatá**	TRE	N	04
CARICACEAE				
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão-papaya	ARB	N	02
CANNACEAE				
<i>Canna indica</i> L.	Piri-preto	HER	N	01
COMMELINACEAE				
<i>Dichorisandra thyrsiflora</i> J.C. Mikan	Cana-do-brejo**	HER	N	04

<hr/>					
CONVOLVULACEAE					
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Batata-doce	HER	N		01
CRASSULACEAE					
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Insaião	HER	E		01
<i>Sedum</i> sp.	(reconhecida, mas não nomeada)	HER	E		01
CUCURBITACEAE					
<i>Cucurbita</i> sp.	Abóbora	TRE	N		01
EUPHORBIACEAE					
<i>Aleurites moluccana</i> L. Willd	Nogueira	ARB	E		02
<i>Jatropha multifida</i> L.	Mertiolate	ARS	N		02
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca-azulinha	ARS	N		01
FABACEAE					
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Angico	ARB	N		01
<i>Bauhinia forficata</i> Link	Pata-de-vaca, escada-de-macaco**	ARS	N		06
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	Feijão-guandu	ARS	E		01
<i>Cassia angustifolia</i> Vahl	Sene*	ARS	E		02
<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	Pega-pegas**	HER	N		01
<i>Senna tropica</i> (Vell.) H.S. Irwin & Barneby	Fedegoso**	ARS	N		03
<i>Zollernia ilicifolia</i> (Brongn.) Vogel	Espinheira-santa**	ARB	N		07
LAMIACEAE					
<i>Lavandula</i> sp.	Alfazema	HER	E		03
<i>Melissa officinalis</i> L.	Cidreira, erva-cidreira	HER	E		08
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo*	HER	E		01
<i>Mentha</i> sp1.	Hortelã-branca	HER	E		08
<i>Mentha</i> sp2.	Hortelã-roxa	HER	E		10
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	ARS	E		01
<i>Plectranthus grandis</i> (Cramer) R. Willemse	Boldo, boldo-da-terra	ARS	E		06
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd	Boldo-rasteiro	HER	E		01
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	SUB	E		05
<i>Salvia officinalis</i> L.	Sálvia	HER	E		02
<hr/>					

LAURACEAE					
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Canela*	ARB	E	01	
<i>Ocotea odorifera</i> Rohwer	Canela-sassafrás**	ARB	N	01	
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	ARB	N	03	
LINACEAE					
<i>Linum usitatissimum</i> L.	Linhaça*	HER	E	01	
LYTHRACEAE					
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F. Macbr.	Sete-sangrias**	HER	N	03	
MALPIGHIACEAE					
<i>Bunchosia armeniaca</i> (Cav.) DC.	Guaraná	ARS	N	02	
<i>Malpighia emarginata</i> DC.	Acerola*	ARS	N	01	
MALVACEAE					
<i>Malva</i> sp.	Malva	HER	E	02	
<i>Sida carpinifolia</i> L. f.	Erva-de-barrela-vermelha**	SUB	N	02	
MELASTOMATACEAE					
<i>Clidemia hirta</i> (L.) D. Don	Pixirica**	ARS	N	01	
MUSACEAE					
<i>Musa</i> sp1.	Banana	HER	E	01	
<i>Musa</i> sp2.	Banana-São-Tomé	HER	E	02	
MYRTACEAE					
<i>Campomanesia</i> sp1.	Guabiroba-branca**	ARS	N	01	
<i>Campomanesia</i> sp2.	Guabiroba-amarela**	ARS	N	01	
<i>Eucalyptus</i> sp.	Eucalipto, eucalipto-limão	ARB	E	02	
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitangueira, pitangueira-vermelha, pitangueira-roxa**	ARB	N	05	
<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg.	Jabuticaba	ARB	N	02	
<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	Araçá, araçá-amarelo, araçá-vermelho**	ARS	N	02	
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	ARB	N	04	
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M.	Cravo-da-Índia*	ARB	E	01	

<hr/>					
Perry					
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Jambolão	ARB	E	01	
OXALIDACEAE					
<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	ARB	E	01	
PASSIFLORACEAE					
<i>Passiflora alata</i> Curtis	Maracujá-graúdo**	TRE	N	02	
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá**	TRE	N	02	
PEDALIACEAE					
<i>Sesamum indicum</i> L.	Gergelim*	HER	E	01	
PHYLLANTACEAE					
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Quebra-pedra**	HER	N	08	
PHYTOLACCACEAE					
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	HER	E	02	
PIPERACEAE					
<i>Piper umbellatum</i> L.	Pariparoba**	SUB	N	01	
PLANTAGINACEAE					
<i>Plantago</i> sp.	Tansagem, tachá, techá	HER	E	03	
POACEAE					
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim-limão, cana-limão	HER	E	06	
POLYGALACEAE					
<i>Polygala paniculata</i> L.	Gelol**	HER	N	02	
POLYGONACEAE					
<i>Polygonum</i> sp.	Tripa-de-galinha**	SUB	N	01	
ROSACEAE					
<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	Ameixa-amarela	ARB	E	01	
<i>Rosa</i> sp.	Rosa-branca	ARS	E	01	
RUBIACEAE					
<i>Diodella radula</i> (Willd. & Hoff.) ex Roem. & Schult.) Delprete	Erva-de-lagarto**	HER	N	02	
<hr/>					

<i>Gardenia jasminoides</i> J. Ellis	Jasmim	ARS	E	02
RUSCACEAE				
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada-de-São-Jorge	HER	E	02
RUTACEAE				
<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja, laranja-azedo, laranja-lima, laranja-bruta	ARB	E	08
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	Limão, limão-galego, limão-caipira, limão-todo ano	ARB	E	09
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Bergamota	ARB	E	03
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	SUB	E	05
SOLANACEAE				
<i>Brugmansia</i> sp.	Zabumba	ARS	N	01
<i>Capsicum</i> cf. <i>frutescens</i> L.	Pimenta-malagueta	SUB	N	01
THEACEAE				
<i>Camellia sinensis</i> (L.) Kuntze	Chá-preto, chá-do-reino*	ARB	E	03
VERBENACEAE				
<i>Aloysia virgata</i> (Ruiz & Pav.) Pers.	Erva-santa**	ARS	N	01
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Gervão-preto**	SUB	N	01
VITACEAE				
<i>Vitis vinifera</i> L.	Parreira-de-uva	TRE	E	01
ZINGIBERACEAE				
<i>Curcuma longa</i> L.	Curcuma*	HER	E	01
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	HER	E	04

* Plantas medicinais obtidas através da compra, cuja identificação taxonômica foi feita com o auxílio de bibliografia (CORRÊA, 1926; LORENZI & SOUZA, 2000; LORENZI & MATOS, 2008; REITZ, 1954), estando sujeita a possíveis modificações.

** Plantas medicinais nativas da região de Florianópolis.

A implementação do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos é uma opção alternativa dentro do SUS para aqueles que têm preferência em utilizar medicamentos naturais. Levantamentos etnobotânicos podem contribuir com ações desse tipo à medida que listam plantas

medicinais já conhecidas e utilizadas em determinada região, com potencial para serem inseridas em sistemas públicos de saúde. A Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RESINUS, 2009) lista 71 espécies de plantas medicinais que poderão ser usadas como medicamentos fitoterápicos no Sistema Único de Saúde. Dessas, 23 espécies constam neste levantamento etnobotânico, são elas: *Achillea millefolium*, *Allium sativum*, *Aloe vera*, *Ananas comosus*, *Artemisia absinthium*, *Bauhinia forficata*, *Bidens pilosa*, *Chamomilla recutita*, *Curcuma longa*, *Cynara scolymus*, *Eugenia uniflora*, *Foeniculum vulgare*, *Mentha pulegium*, *Passiflora alata*, *Passiflora edulis*, *Persea americana*, *Phyllanthus tenellus*, *Plectranthus barbatus*, *Psidium guajava*, *Ruta graveolens*, *Syzygium cumini*, *Vernonia condensata* e *Zingiber officinale*.

As famílias botânicas com maior número de espécies citadas foram Asteraceae, Lamiaceae, Myrtaceae e Fabaceae (Figura 07). Outros estudos etnobotânicos sobre plantas medicinais realizados em áreas de Mata Atlântica (BEGOSSI *et al.*, 2002; MEDEIROS *et al.*, 2004; PINTO *et al.*, 2006) também apontam Asteraceae e Lamiaceae entre as famílias mais representativas. De fato, diversas plantas com compostos bioativos estão incluídas nessas duas famílias botânicas (LORENZI & SOUZA, 2008).

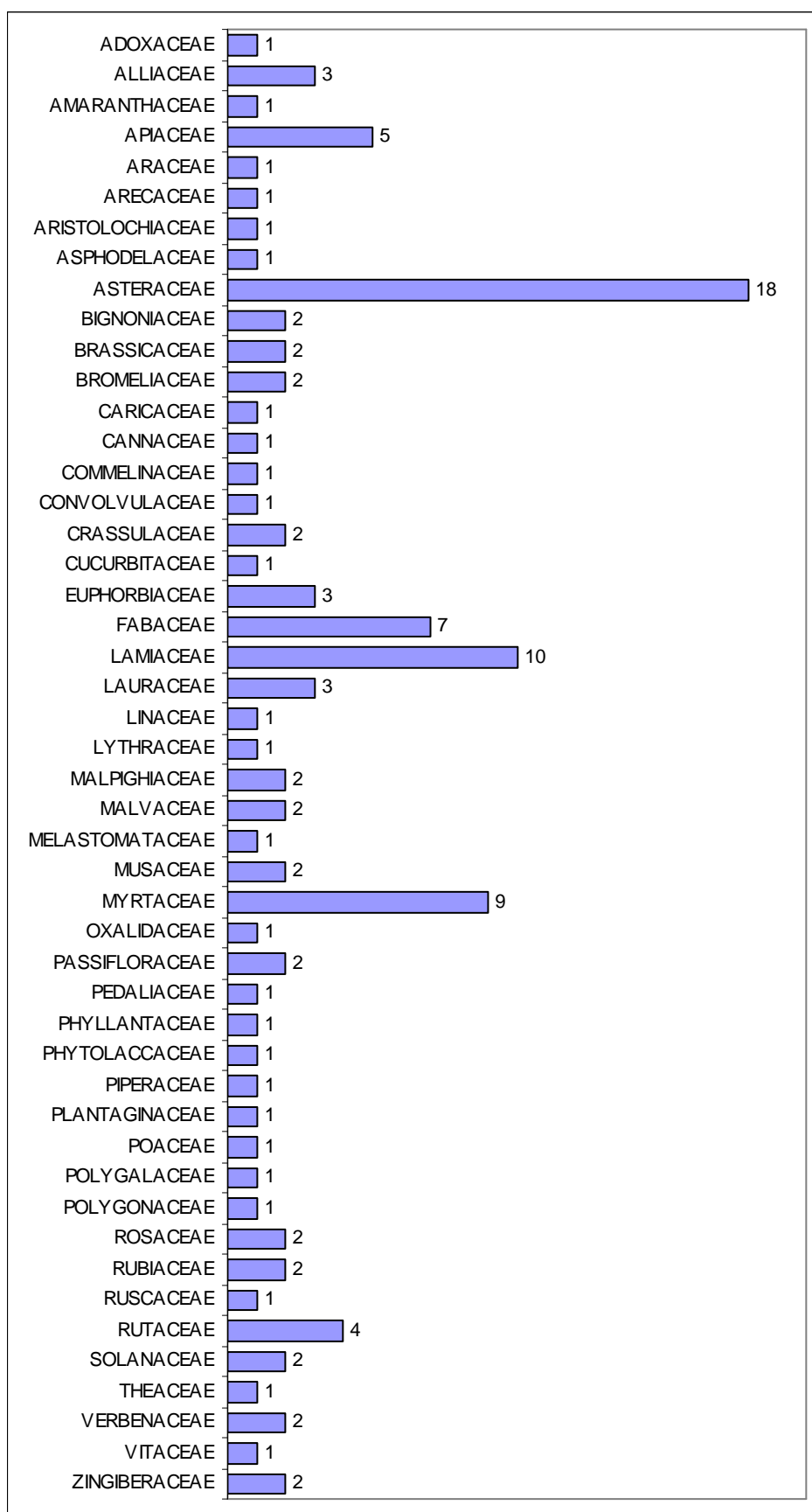


Figura 07. Famílias botânicas das plantas medicinais citadas em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC. Total de espécies (N=114), total de famílias (N=48).

Informações específicas sobre as plantas medicinais citadas

As plantas medicinais conhecidas no Sertão do Ribeirão são obtidas, principalmente, nos quintais dos entrevistados e em áreas próximas, como em quintais de vizinhos e na vegetação adjacente às casas, sendo que 51% das plantas são cultivadas, 34% silvestres e 15% compradas. Um dos fatores que influencia o conhecimento e o uso de plantas medicinais é a disponibilidade de espécies numa determinada região; e a diversidade de espécies silvestres citadas reflete, até certo ponto, a riqueza florística local (AMOROZO, 2002). No Sertão, a maioria (88%) das plantas silvestres é neotropical. Vale ressaltar a significativa representatividade de plantas nativas da região de Florianópolis (60% das plantas neotropicais). Por sua vez, a obtenção de plantas medicinais através da compra indica a influência de meios de comunicação em massa no conhecimento tradicional local. Em aproximadamente 50% das citações de plantas medicinais compradas os entrevistados disseram ter adquirido o conhecimento sobre as mesmas por meio de livros e programas de televisão.

Quanto à origem, 50% das plantas medicinais conhecidas no Sertão são nativas da região Neotropical e 50% são exóticas. A presença do ser humano no continente Americano se deu muito antes da chegada dos colonizadores. Os povos que aqui se encontravam interagiam com a flora e realizavam o manejo de algumas espécies, contribuindo, ao longo do tempo, com a migração de algumas plantas pelos diversos lugares por onde passavam. Portanto, quando os primeiros açorianos chegaram ao Sul do Brasil, a vegetação local já possuía elementos de outras áreas geográficas da América. O conhecimento tradicional sobre plantas medicinais no Sertão do Ribeirão parece refletir o histórico de miscigenação cultural entre ameríndios, europeus e africanos, observada desde os tempos da colonização Americana.

As plantas medicinais citadas possuem, em sua maioria, hábito herbáceo, seguido pelos hábitos arbóreo, arbustivo, subarbustivo e trepador/epifítico (Figura 08); e a indicação da parte da planta utilizada para fins medicinais mais referida foi a folha (Figura 09), geralmente para a preparação de chá, por decocção (Figura 10). Outros trabalhos etnobotânicos realizados em áreas de Mata Atlântica destacam uma flora medicinal fundamentalmente herbácea, onde predomina o uso das folhas para a preparação de decoctos (MEDEIROS *et al.*, 2004; PINTO *et al.*, 2006). A predominância de ervas na medicina popular pode estar relacionada ao fato de serem cultivadas geralmente nos quintais, o que facilita a obtenção desses recursos vegetais (PILLA *et al.*, 2006).

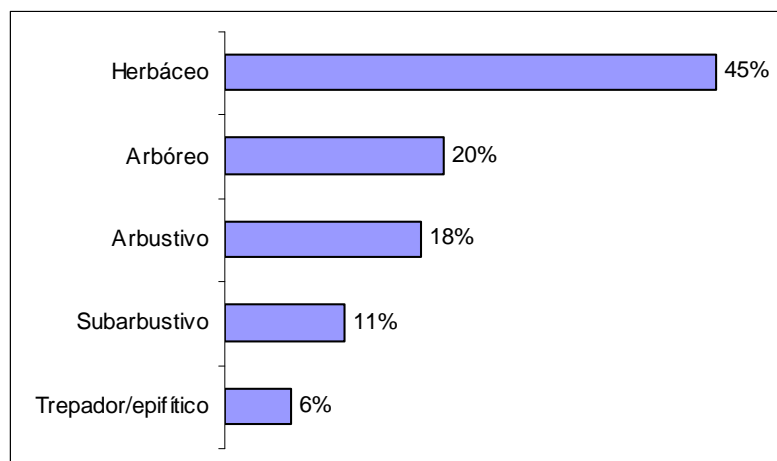


Figura 08. Hábitos de vida das plantas medicinais citadas em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC. Total de espécies (N=114). Dados em porcentagem.

Outras partes das plantas medicinais citadas, indicadas para fins terapêuticos, foram: flores (ex.: cravo-da-Índia, jasmim), frutos (ex.: carambola, mamão-papaya), caule (ex.: angico, cipó-milome), raiz (ex.: gelol, gengibre), sementes (ex.: abóbora, gergelim), brácteas (ex.: “umbigo da bananeira”) e látex (ex.: mertiolate). A categoria “planta inteira” (ex.: arruda, espada-de-São-Jorge, guiné e comigo-ninguém-pode), refere-se aos casos de plantas medicinais que foram indicadas para finalidades categorizadas como “doenças culturais”.

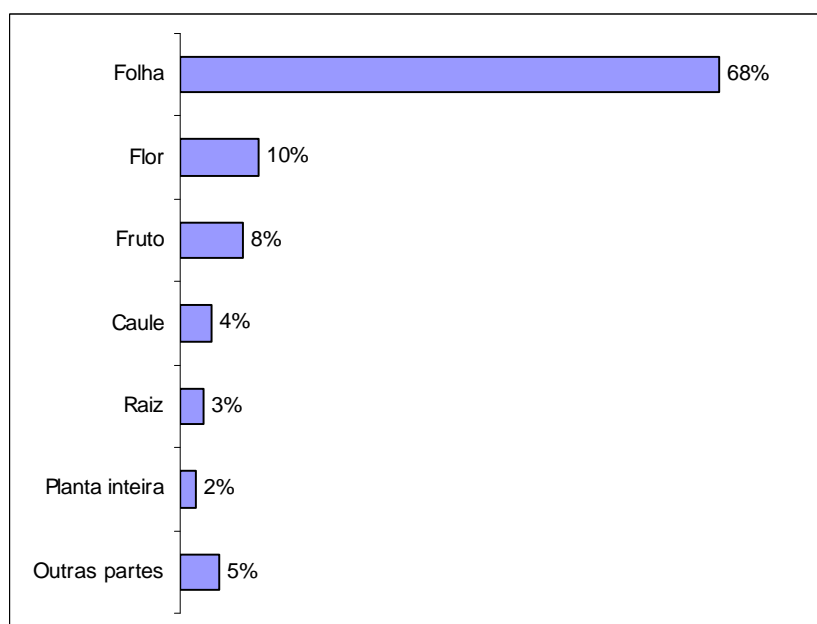


Figura 09. Partes das plantas medicinais citadas em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC. Total de citações (N=327). Dados em porcentagem.

Além do chá, por decocção, as plantas medicinais citadas também são usadas das seguintes formas: chá por infusão (ex.: alho, capim-limão), maceração (ex.: boldo-da-terra, boldo-

da-Amazônia), tintura (ex.: cipó-milome, gelol), garrafada/xarope (ex.: babosa, guaco), queima na cachaça (ex.: alecrim, zabumba), ingestão do fruto, folha ou raiz *in natura* (ex.: acerola, cebola, yacon), ingestão da folha ou semente nas refeições (ex.: cebolinha, linhaça), ingestão de sucos de frutas (ex.: limão, maracujá), inalação de vapor (ex.: eucalipto) e contato direto com a pele (ex.: babosa, mertiolate). Novamente, aparece a indicação da “planta inteira”, uma vez que a simples presença de plantas da categoria “doenças culturais” nos quintais dos entrevistados foi citada como sendo uma forma de uso.

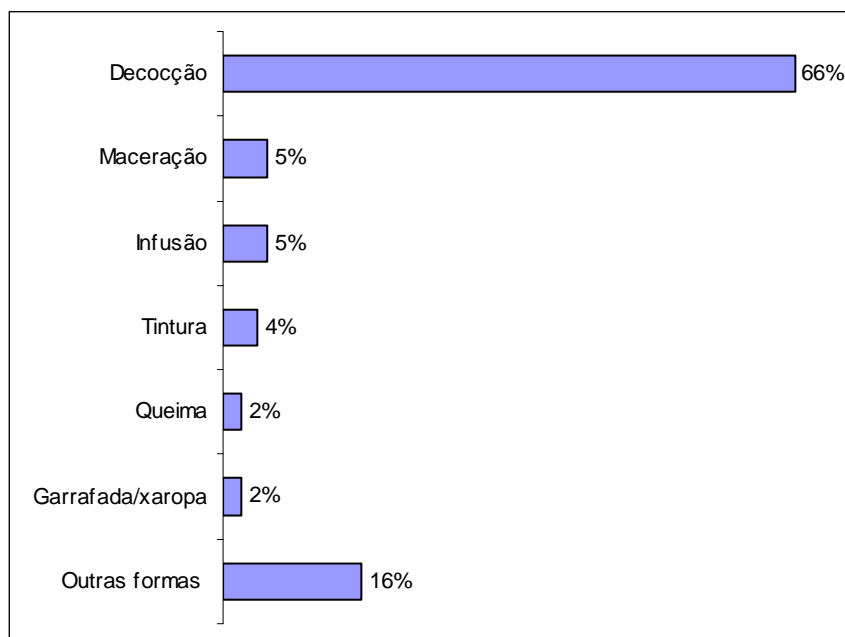


Figura 10. Formas de uso das plantas medicinais citadas em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC. Total de citações (N=353). Dados em porcentagem.

O modo de administração das plantas medicinais citadas se dá, em grande parte (82%), de forma interna (por via oral ou por inalação de vapor); mas também externamente (08%), geralmente para tratar lesões cutâneas; e ainda, algumas plantas podem ser utilizadas das duas formas (07%), como a babosa, usada externamente para cicatrizar feridas e internamente para o tratamento de neoplasias. Os outros 03% das citações quanto ao modo de administração, não se aplicam a esta classificação, já que se referem às plantas agrupadas na categoria “doenças culturais”. Em 08% dos casos, as plantas medicinais precisam, necessariamente, de algum tipo de armazenamento, como por exemplo, o gelol, indicado para dores musculares, armazenado na forma de tintura. No entanto, em 60% das citações as plantas são utilizadas logo após serem coletadas, o que evidencia uma forte relação entre a comunidade e a flora medicinal local. Ainda, em 29% das citações, as plantas podem ou não ser armazenadas, como a macela, a maçanilha e o caldo-santo, usadas imediatamente após a coleta ou posteriormente, uma vez secas para estocagem. Novamente, 03% das citações não se aplicam a esta classificação. O armazenamento

de plantas medicinais pode ser uma estratégia adotada na medicina popular, uma vez que algumas espécies podem não estar disponíveis em certas estações do ano ou pela dificuldade de obtenção das mesmas.

Quanto às indicações terapêuticas das plantas medicinais citadas, as categorias mais representativas foram aquelas relacionadas a doenças e sintomas dos sistemas digestório, respiratório e genitourinário (Figura 11). Resultados semelhantes têm sido descritos em outros locais do Brasil, como no bioma Mata Atlântica (BEGOSSI *et al.*, 2002; PINTO *et al.*, 2006) e no bioma Cerrado (AMOROZO, 2002; AMOROZO, 2004; PILLA *et al.*, 2006). A ausência de tratamento de água para o consumo da população no Sertão do Ribeirão pode explicar, em parte, o fato de haver um maior número de citações de indicações terapêuticas de plantas medicinais dentro da categoria “doenças do sistema digestório”.

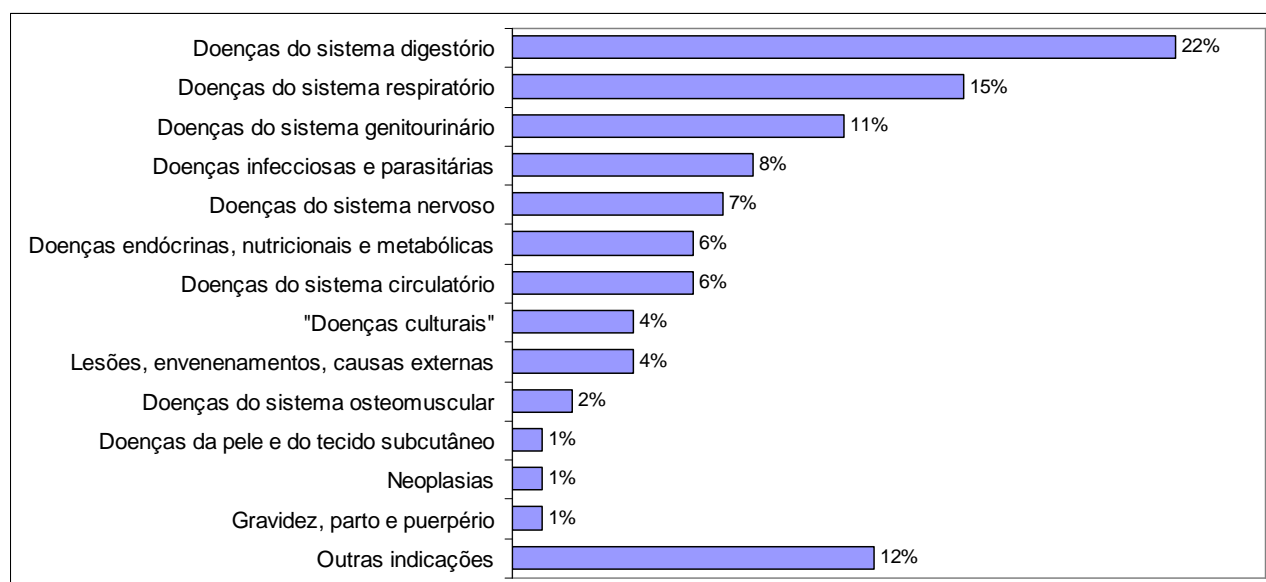


Figura 11. Categorias das indicações terapêuticas das plantas medicinais citadas em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC. Total de citações (N=394). Dados em porcentagem.

Outras indicações terapêuticas, não identificadas ou que não se enquadraram nas categorias definidas, foram bastante representativas (Tabela 03) como, por exemplo: *zipra de pele*, *zipra de sangue*, *zipela*, *calor de figo* (possivelmente essas indicações estejam correlacionadas à erisipela) e *recaída de mulher grávida*. Segundo ALEXIADES (1996), quando o(a) entrevistado(a) descreve o uso de uma planta, ele ou ela pode estar se referindo a conceitos e categorias culturais que não correspondem, necessariamente, aos conceitos e categorias conhecidos pelo pesquisador. As indicações terapêuticas referidas acima são tratadas com plantas medicinais, mas também, através de práticas culturais chamadas de *benzeduras*. De acordo com CARUSO & CARUSO (1997), os *benzedeiros* eram pessoas reconhecidas como grandes conhecedores do mundo vivo e do mundo dos “espíritos”, tinham habilidades de curas populares e, geralmente, possuíam várias espécies de plantas medicinais em seus quintais.

Tabela 03. Categorias de doenças segundo WHO (2007)^{***} e indicações terapêuticas das plantas medicinais citadas em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC. Total de citações (n=394).

CATEGORIAS	Espécies/morfoespécies	Indicações terapêuticas
Doenças culturais***	<i>Dieffenbachia</i> sp., <i>Lavandula</i> sp., <i>Petiveria alliacea</i> , <i>Rosmarinus officinalis</i> , <i>Ruta graveolens</i> , <i>Sansevieria trifasciata</i> .	Mau olhado, defumador, para espantar bruxas.
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	<i>Allium fistulosum</i> , <i>Aristolochia</i> sp., <i>Averrhoa carambola</i> , <i>Baccharis</i> sp1., <i>Baccharis</i> sp2., <i>Bauhinia forficata</i> , <i>Bunchosia armeniaca</i> , <i>Calea</i> sp., <i>Campomanesia</i> sp1., <i>Campomanesia</i> sp2., <i>Canna indica</i> , <i>Capsicum</i> cf. <i>frutescens</i> , <i>Cnicus benedictus</i> , <i>Eriobotrya japonica</i> , <i>Polymnia sonchifolia</i> , <i>Rosmarinus officinalis</i> , <i>Sida carpinifolia</i> , <i>Stachytarpheta cayennensis</i> , <i>Syzigium cumini</i> , <i>Vernonia condensata</i> .	Colesterol alto, glicose, diabetes, emagrecer, vitamina, fígado, amarelão (hepatite), triza (hepatite).
Doenças infecciosas e parasitárias	<i>Ananas comosus</i> , <i>Aristolochia</i> sp., <i>Artemisia absinthium</i> , <i>Camellia sinensis</i> , <i>Cucurbita</i> sp., <i>Ipomoea batatas</i> , <i>Jacaranda puberula</i> , <i>Manihot esculenta</i> , <i>Mentha</i> sp1., <i>Mentha</i> sp2., <i>Sambucus</i> sp., <i>Senna tropica</i> .	Vermes, frieira, ainpingi (fungos), sarna, Sarampo, Malária.
Doenças da pele e do tecido subcutâneo	<i>Bryophyllum pinnatum</i> , <i>Centella asiatica</i> , <i>Jacaranda puberula</i> .	Eczema, furúnculo.
Doenças do sistema circulatório	<i>Allium cepa</i> , <i>Bauhinia forficata</i> , <i>Brassica</i> sp., <i>Cassia angustifolia</i> , <i>Chamomilla recutita</i> , <i>Cinnamomum zellanicum</i> , <i>Citrus aurantium</i> , <i>Cuphea carthagenensis</i> , <i>Eugenia uniflora</i> , <i>Passiflora alata</i> , <i>Passiflora edulis</i> , <i>Petroselinum crispum</i> , <i>Rosmarinus officinalis</i> , <i>Vitis vinifera</i> , <i>Zingiber officinale</i> , <i>Zollernia ilicifolia</i> .	Coração, afinar o sangue, circulação, pressão alta, varizes.
Doenças do sistema digestório	<i>Achyrocline</i> sp., <i>Achillea millefolium</i> , <i>Aloysia virgata</i> , <i>Anethum graveolens</i> , <i>Aristolochia</i> sp., <i>Artemisia absinthium</i> , <i>Camellia sinensis</i> , <i>Carica papaya</i> , <i>Cassia angustifolia</i> , <i>Chamomilla recutita</i> , <i>Citrus aurantium</i> , <i>Clidemia hirta</i> , <i>Cnicus benedictus</i> , <i>Cocos nucifera</i> , <i>Coronopus didymus</i> , <i>Cymbopogon citratus</i> , <i>Cynara scolymus</i> , <i>Eugenia uniflora</i> , <i>Foeniculum vulgare</i> , <i>Lavandula</i> sp., <i>Linum</i>	Intestino preso, dor no estômago, dor de barriga, diarreia, gastrite, enjôo, induzir vômito, gases, má digestão, congestão, queimor no estômago, purgante, laxante.

	<i>usitatissimum, Melissa officinalis, Mentha sp1., Mentha sp2., Musa sp1., Myrciaria cauliflora, Plectranthus barbatus, Plectranthus grandis, Plectranthus ornatus, Persea americana, Pimpinella anisum, Psidium cattleianum, Psidium guajava, Rosa sp., Salvia officinalis, Sedum sp., Sesamum indicum, Sida carpinifolia, Vernonia condensata, Vernonia scorpioides, Zollernia ilicifolia.</i>	
Doenças do sistema geniturinário	<i>Achyrocline sp., Bauhinia forficata, Bidens pilosa, Camellia sinensis, Chamomilla recutita, Desmodium adscendens, Dichorisandra thrysiflora, Lavandula sp., Melissa officinalis, Persea americana, Phyllanthus tenellus, Piper umbellatum, Plantago sp., Ruta graveolens, Syzygium aromaticum, Tillandsia aeranthos, Zollernia ilicifolia.</i>	Dor nos rins, infecção nos rins, cistite, pedra nos rins, pedra na vesícula, cólicas menstruais, regular a menstruação, induzir a menstruação, útero baixo.
Doenças do sistema nervoso	<i>Chamomilla recutita, Citrus aurantium, Citrus limon, Citrus reticulata, Cymbopogon citratus, Gardenia jasminoides, Melissa officinalis, Ocotea odorifera, Passiflora alata, Passiflora edulis.</i>	Calmante, para dormir.
Doenças do sistema osteomuscular	<i>Aristolochia sp., Coronopus didymus, Foeniculum vulgare, Polygala paniculata, Tanacetum vulgare.</i>	Reumatismo, dor muscular, torção no joelho, destroncado, osso quebrado.
Doenças do sistema respiratório	<i>Allium sativum, Anadenanthera colubrina, Ananas comosus, Aristolochia sp., Bryophyllum pinnatum, Cajanus cajan, Camellia sinensis, Capsicum cf. frutescens, Chamomilla recutita, Citrus aurantium, Citrus limon, Citrus reticulata, Eucalyptus sp., Malpighia emarginata, Melissa officinalis, Mentha pulegium, Mikania sp., Musa sp2., Plantago sp., Rosmarinus officinalis, Salvia officinalis, Sambucus sp., Syzygium aromaticum, Zingiber officinale.</i>	Gripe, resfriado, friagem, tosse, catarro, sinusite, bronquite, asma, garganta, rouquidão.
Gravidez, parto e puerpério	<i>Anethum graveolens, Foeniculum vulgare, Lavandula sp., Ruta graveolens.</i>	Dor de parto, aleitamento.
Lesões, envenenamento e outras consequências de causas externas	<i>Aloe vera, Alternanthera brasiliana, Artemisia assinthium, Baccharis dracunculifolia, Bidens pilosa, Bryophyllum pinnatum, Centella asiatica, Coronopus didymus, Doidella radula, Jatropha multifida, Senna tropica, Tabebuia sp.</i>	Machucado, pisadura, ferida, corte, queimadura, mordida de cobra.

Neoplasias	<i>Aloe vera</i> , <i>Bunchosia armeniaca</i> , <i>Curcuma longa</i> , <i>Tabebuia</i> sp.	Câncer.
Outras indicações	<i>Achillea millefolium</i> , <i>Achyrocline</i> sp., <i>Aleurites moluccana</i> , <i>Alternanthera brasiliana</i> , <i>Anethum graveolens</i> , <i>Aristolochia</i> sp., <i>Brugmannsia</i> sp., <i>Camellia sinensis</i> , <i>Coronopus didymus</i> , <i>Curcuma longa</i> , <i>Cymbopogon citratus</i> , <i>Dahlia</i> sp., <i>Eugenia uniflora</i> , <i>Foeniculum vulgare</i> , <i>Jacaranda puberula</i> , <i>Malva</i> sp., <i>Musa</i> sp2., <i>Plectranthus grandis</i> , <i>Polygala paniculata</i> , <i>Polygonum</i> sp., <i>Rosmarinus officinalis</i> , <i>Ruta graveolens</i> , <i>Sambucus</i> sp., <i>Sphagneticola trilobata</i> , <i>Zingiber officinale</i> , <i>Zollernia ilicifolia</i> .	Dor no lado direito da barriga, dor no corpo, enxaqueca, inflamação, recaída de mulher grávida, fraqueza, ressaca, alergia, calor de figo, zipra de pele, zipra de sangue, zipela, cicatrizante, hemorróidas, amarelão (doença canina), energético, antioxidante, dor de dente, antibiótico, febre.

*** Categoria de doença não definida pela WHO (2007).

Em 54% das citações os colaboradores disseram que o conhecimento sobre plantas medicinais foi adquirido com os pais e/ou avós, 18% com vizinhos e 28% com outras fontes (livros, programas de televisão, pessoas que não são do Sertão, ou os colaboradores não se recordaram). Portanto, em 72% dos casos, o conhecimento tradicional foi adquirido no Sertão do Ribeirão, o que demonstra uma rica herança cultural sobre plantas medicinais na localidade.

Diversidade e uso de plantas medicinais

A diversidade de plantas medicinais conhecida no Sertão do Ribeirão, 114 espécies ou morfoespécies num universo amostral de 13 entrevistas, é considerada bastante elevada quando comparada a outros estudos etnobotânicos realizados em território brasileiro. Levantamentos etnobotânicos sobre plantas medicinais feitos na Mata Atlântica por AMOROZO (2004), BEGOSSI *et al.* (2002), MEDEIROS *et al.* (2004) e PINTO *et al.* (2006) apontam, respectivamente, 120 espécies em 204 entrevistas, 227 espécies em 449 entrevistas, 36 espécies em 06 entrevistas e 98 espécies em 26 entrevistas. Ainda, pesquisas realizadas por AMOROZO (2002) e PILLA *et al.* (2006) em áreas de Cerrado levantaram 228 espécies em 24 entrevistas e 107 espécies em 50 entrevistas.

A diversidade de plantas medicinais citadas por mulheres (96 espécies) foi maior do que a citada por homens (78 espécies), mas esse resultado está relacionado aos diferentes tamanhos amostrais de cada grupo. Análises estatísticas não apontam diferença significativa na diversidade de plantas medicinais apresentada por ambos os sexos, e tampouco nas porções de plantas medicinais nativas e exóticas, silvestres e cultivadas, citadas por homens e mulheres (Tabela 04). Diferenças sobre o uso e o conhecimento tradicional de plantas são esperadas entre grupos de homens e mulheres, jovens e adultos, em determinada região (ALBUQUERQUE *et al.*, 2008a;

HANAZAKI *et al.*, 2000). Porém, neste estudo não se observa a influência do fator “gênero” no conhecimento tradicional local, entretanto, é importante lembrar que o número de entrevistas relativamente pequeno pode não ter refletido eventuais diferenças no conhecimento sobre plantas medicinais relacionadas ao gênero dos entrevistados.

Tabela 04. Diversidade de plantas medicinais e proporções de nativas e exóticas, silvestres e cultivadas, citadas por homens e mulheres, em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.

Gênero	Diversidade	Nativas	Exóticas	Silvestres	Cultivadas
Feminino	96 espécies	43	53	29	52
Masculino	78 espécies	45	33	34	42

A maioria (84%) das plantas medicinais citadas já foi utilizada em algum momento da vida pelos entrevistados. Alguns dos entrevistados, geralmente os mais idosos, disseram ter usado as plantas citadas na juventude e no início da fase adulta. A composição de uma farmacopéia popular é um processo dinâmico, durante o qual podem ocorrer tanto aquisições como perdas (AMOROZO, 2002). Investigações etnobotânicas mais aprofundadas sobre o uso e o conhecimento de plantas medicinais podem contribuir para o melhor entendimento do processo de aquisição e perda de conhecimento em uma determinada comunidade.

Quando questionados sobre o uso de plantas medicinais e medicamentos industrializados nos últimos seis meses, todos os entrevistados disseram ter usado plantas medicinais, e 77% disseram ter usado medicamentos industrializados. As indicações de uso de medicamentos industrializados mais citadas são para problemas de saúde relacionados aos sistemas circulatório, endócrino e osteomuscular; e as indicações terapêuticas mais citadas de uso de plantas medicinais nos últimos seis meses são para problemas de saúde relacionados aos sistemas digestório, respiratório, genitourinário e nervoso (Figura 12). Como discutido por AMOROZO (2004), tais resultados evidenciam uma complementaridade entre a medicina moderna e a medicina popular.

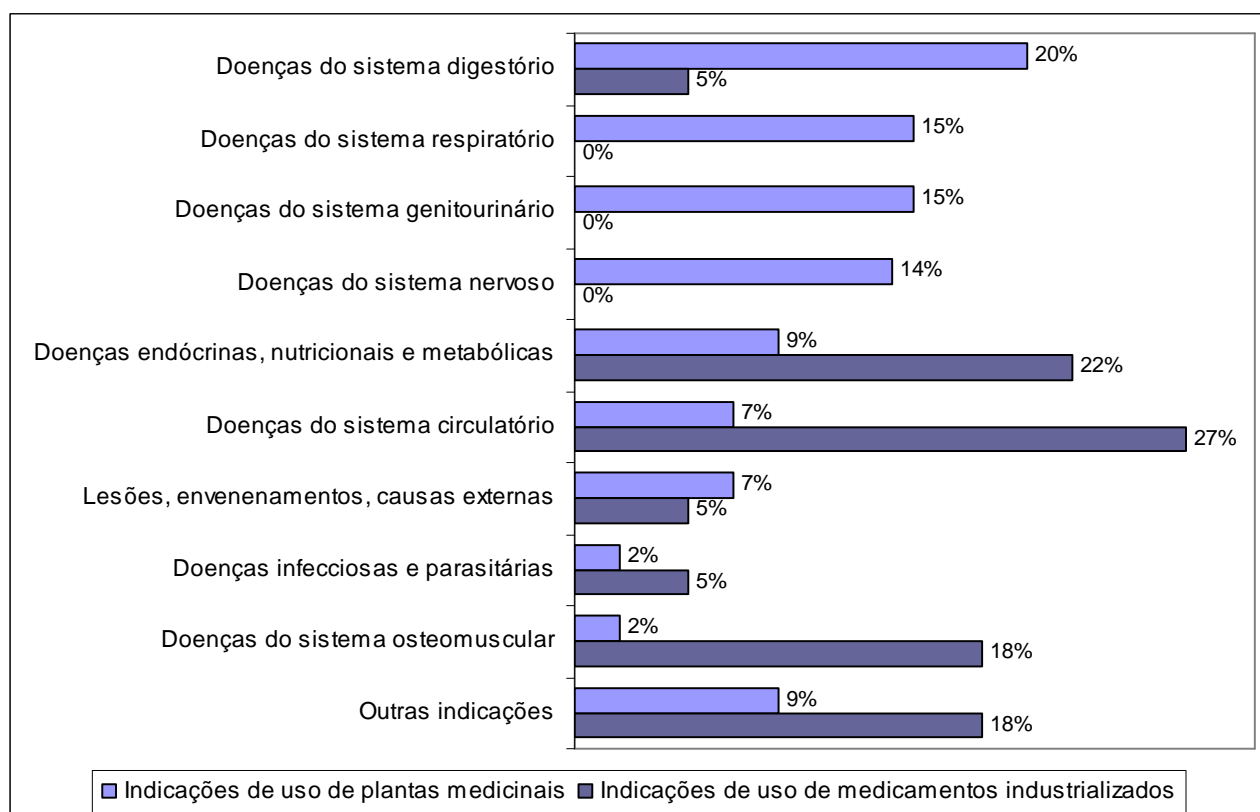


Figura 12. Categorias das indicações terapêuticas do uso de medicamentos industrializados e do uso de plantas medicinais, em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC. Total de citações de uso de plantas medicinais (N=45), total de citações de uso de medicamentos industrializados (N=22). Dados em porcentagem.

A análise da curva de acumulação de espécies (Figura 13) baseada nas entrevistas realizadas no Sertão do Ribeirão aponta um alto número acumulativo de citações de plantas medicinais. No entanto, não é possível afirmar se o esforço amostral foi ou não suficiente para verificar a riqueza do conhecimento etnobotânico na comunidade estudada. Uma interpretação é a de que o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais no Sertão se apresenta de uma forma muito diversificada. Foram realizadas entrevistas com pessoas de diferentes faixas etárias, tanto homens quanto mulheres, sendo que alguns deles são praticantes de *benzeduras* e reconhecidos na comunidade como bons conhecedores de plantas medicinais, o que torna os resultados ainda mais consistentes.

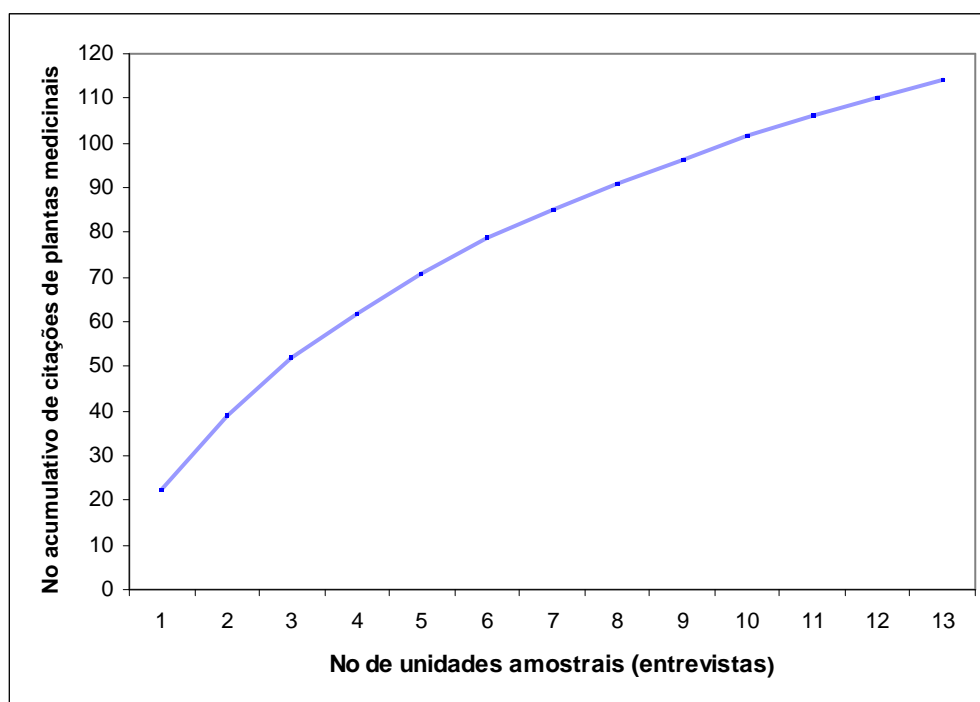


Figura 13: Curva de acumulação de espécies em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.

A realização de mais de um encontro por entrevista com alguns moradores do Sertão possibilitou uma maior aproximação com os mesmos. Segundo ALEXIADES (1996), há uma relação direta entre a qualidade das informações obtidas e a duração das entrevistas, onde a confiança mútua e o entendimento podem se desenvolver, permitindo que o pesquisador possa checar melhor suas observações. Porém, a análise da correlação entre o número de encontros e o número de plantas medicinais citadas, por entrevista, (Figura 14), não corrobora para o exposto acima. Desconsiderando a entrevista que apresentou maior diversidade de plantas medicinais citadas, realizada com uma informante-chave e finalizada após 09 encontros, essa correlação é praticamente nula.

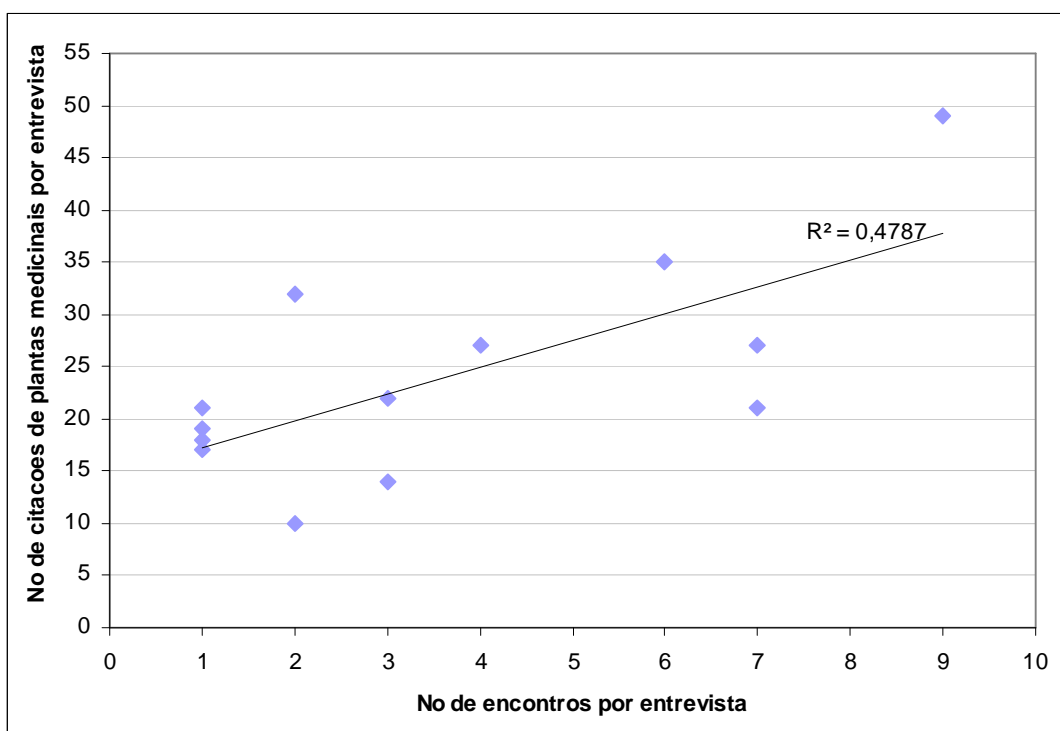


Figura 14: Relação entre número de encontros e número de plantas medicinais, por entrevista, citadas em 13 entrevistas no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC.

Importância das plantas medicinais para os moradores do Sertão

Através de uma abordagem qualitativa foi possível identificar alguns aspectos sobre a importância de plantas medicinais para os moradores do Sertão. Quando questionados, todos os entrevistados disseram que as plantas medicinais são importantes, atribuindo essa importância ao fato de serem recursos naturais benéficos à saúde. A maioria (08) fez referência ao uso de plantas medicinais como sendo uma prática que não causa danos à saúde, mais benéfica do que o uso de medicamentos industrializados.

“As plantas sempre fazem bem à saúde e os remédios podem prejudicar” (S.M.)

“As plantas fazem bem para a saúde e não causam outras doenças. São naturais” (M.C.)

“Elas são muito mais benéficas do que tomar remédio de farmácia. O efeito demora mais, mas não prejudicam em nada” (M.A.)

O fato de a maioria dos entrevistados ter preferência em utilizar plantas medicinais para a manutenção ou recuperação da saúde é, de certa forma, um aspecto bastante positivo, pois além de fortalecer práticas tradicionais quanto ao uso e conhecimento de plantas medicinais, é uma atividade que propicia o contato direto com a flora local, refletindo um estilo de vida mais integrado

com a natureza. Por outro lado, a noção de que as plantas medicinais não fazem mal à saúde é uma questão interessante a ser debatida na própria comunidade. Sabe-se que certos compostos químicos, quando ingeridos em excesso ou quando combinados, podem causar danos à saúde (LORENZI & MATOS, 2008). Apenas 02 foram os entrevistados que fizeram referência ao uso de plantas medicinais tendo algum cuidado nessa prática popular.

“Acho que as plantas fazem mais efeito do que os remédios. Sabendo usar claro” (J.S.)

“As plantas medicinais são boas pra gente. Hoje em dia se usa mais remédio, por indicação do médico. Se o médico pedir para eu tomar chá, eu tomo chá. Mas por conta própria a gente pode acertar ou errar” (M.S.)

Os outros 03 entrevistados fizeram referência à praticidade em usar plantas medicinais, uma vez que a maioria das plantas está próxima das casas; e também pela confiabilidade das informações sobre plantas medicinais, uma vez que são transmitidas há várias gerações.

Retorno de resultados

O retorno de resultados de pesquisas etnobiológicas está previsto no Código de Ética da Sociedade Internacional de Etnobiologia (ISE, 2009), documento que tem a sua origem na Declaração de Belém, feita em 1988, durante a fundação da Sociedade Internacional de Etnobiologia. De acordo com o Código de Ética, os povos indígenas, sociedades tradicionais e comunidades locais têm o direito de compartilhar e beneficiar-se de pesquisas etnobiológicas e atividades relacionadas que envolvam seus conhecimentos e seus recursos.

Sendo assim, o retorno de resultados desta pesquisa consistiu em:

- Confecção de material impresso, em linguagem acessível, comunicando uma síntese dos resultados desta e de outras pesquisas etnobotânicas (ASSIS, 2007; LACERDA, 2008) efetuadas na comunidade. O material impresso, folders (Anexo 06) e cartilhas (Anexo 07), foi distribuído para os moradores do Sertão, especialmente para os colaboradores das pesquisas, como forma de divulgação e de agradecimento;
- Realização da exposição fotográfica “Pessoas e Plantas no Sertão do Ribeirão”, com fotos de autoria de Mariana Giraldi e Victória Lacerda, no estande do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, durante a 7ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPEX) da UFSC, de 22 a 25/10/08 (Figura 15). Além da exposição fotográfica, que despertou a curiosidade de visitantes, foram distribuídos folders para os interessados;



Figura 15: Exposição fotográfica “Pessoas e Plantas no Sertão do Ribeirão” no estande do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, exibida durante a 7ª SEPEX, UFSC, Florianópolis/SC. 10/2008 (Foto: Mariana Giraldi)

- Participação no seminário de extensão PERI EM FOCO, realizado em 07/11/08 na sede do Parque Municipal da Lagoa do Peri. Durante o evento foram realizadas palestras de curta duração sobre as diversas pesquisas desenvolvidas dentro do PMLP e no seu entorno, incluindo esta pesquisa etnobotânica. Além das palestras, foi realizada a abertura da exposição fotográfica “Pessoas e Plantas no Sertão do Ribeirão”, a qual permaneceu na sede do Parque. Apesar da ausência de moradores do Sertão no evento, o mesmo contribuiu para que a administração do PMLP, bem como a comissão de elaboração do Plano de Manejo do Parque, tomem conhecimento deste e de outros estudos etnobotânicos e possam divulgar sua importância;
- Participação em evento organizado por um grupo de estudantes do Curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) (Figura 16). O evento consistiu num café colonial realizado em 07/12/08 no Sertão, momento no qual foram exibidos dois documentários que trabalharam o resgate de memórias com a comunidade. Na ocasião, foi possível reafirmar o compromisso com os moradores de apresentar os resultados das pesquisas etnobotânicas realizadas no Sertão do Ribeirão;



Figura 16: Café colonial organizado por estudantes do Curso de História da UDESC e realizado no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC. 12/2008 (Foto: Ana Luiza Arraes)

- Realização, em 25/05/09, de um café colonial na comunidade (Figura 17). O encontro teve como principal objetivo levar estudantes do Ensino Médio até o Sertão para que pudessem vivenciar um pouco da realidade local. Na ocasião participaram: moradores, estudantes da 4ª série da Escola Desdobrada Municipal do Sertão do Ribeirão, estudantes do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Urbana Porto do Rio Tavares, estudantes do Curso de Ciências Biológicas da UFSC e as pesquisadoras Mariana Girdali e Victória Lacerda. A iniciativa da atividade foi dos estudantes da disciplina Prática de Ensino de Biologia do Curso de Ciências Biológicas da UFSC. O evento permitiu a integração entre diferentes setores da sociedade e gerou reflexões acerca de diversos assuntos, como por exemplo, o fato de a comunidade estar inserida dentro de um Parque;



Figura 17: Café colonial organizado por estudantes do Curso de Ciências Biológicas da UFSC e realizado no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC. 05/2009 (Foto: autor desconhecido)

- Conforme solicitado pela FLORAM na autorização desta pesquisa, uma cópia do presente trabalho será entregue nas versões impressa e digital (formato PDF) à administração do Parque Municipal da Lagoa do Peri. Também será protocolada uma versão deste trabalho no própria FLORAM;
- Além disso, será disponibilizada uma cópia impressa deste estudo na Escola Desdobrada Municipal do Sertão do Ribeirão, para que moradores e visitantes do Sertão, interessados em ler este trabalho, possam ter o material disponível na própria localidade.

O retorno de resultados desta pesquisa compreende tanto atividades diretas quanto indiretas de valorização do conhecimento tradicional etnobotânico presente no Sertão do Ribeirão. As atividades diretas desenvolvidas até o momento consistiram na elaboração de folders e cartilhas, permitindo aos moradores do Sertão acessar informações sobre os resultados preliminares da pesquisa. Já as atividades indiretas consistiram em levar as informações etnobotânicas deste trabalho ao PMLP, ao meio acadêmico e a outros setores da sociedade. Esta é uma forma de retorno bastante válida, pois contribui para a valorização da riqueza cultural observada no Sertão não somente dentro da própria comunidade, mas também fora dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa permitiu identificar alguns aspectos relevantes sobre o uso e o conhecimento de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão: a diversidade de plantas medicinais conhecida é bastante elevada e a obtenção das plantas na própria comunidade sugere uma correlação entre uso/conhecimento de plantas medicinais e disponibilidade das mesmas; a flora medicinal local é representada, em boa parte, por plantas silvestres neotropicais, onde uma parcela significativa é nativa da região de Florianópolis; a transmissão do conhecimento tradicional feito localmente e por via oral demonstra uma rica herança cultural no Sertão.

À medida que os dados foram sendo analisados qualitativamente surgiu a necessidade de complementar as informações obtidas, questionando os entrevistados quanto à concepção de saúde e doença. Quanto ao retorno de resultados, outras atividades propostas que podem vir a ser realizadas são: a elaboração de uma cartilha contendo informações sobre os resultados desta pesquisa; a realização de oficinas sobre a elaboração de medicamentos fitoterápicos; e a entrega de uma cópia deste trabalho no posto médico mais próximo da comunidade.

No decorrer desta pesquisa foram relatadas algumas dificuldades enfrentadas pelos moradores do Sertão do Ribeirão. A maioria reclama da falta de infra-estrutura e do difícil acesso, fazendo referência à negligência por parte de órgãos públicos; e alguns dizem que a economia

das famílias se viu afetada com a criação do Parque, já que práticas agrícolas começaram a ser alvo de fiscalização. Em virtude desses e de outros fatores, muitas famílias se encontram desestimuladas a continuar a viver na localidade. No entanto, os moradores se identificam com o lugar e expressam o desejo de continuar residindo no Sertão.

A relação dos moradores com o lugar onde vivem reflete um estilo de vida que faz parte do estado de bem-estar dos mesmos. Além das plantas medicinais utilizadas para a manutenção ou recuperação da saúde, outros fatores parecem estar envolvidos: o cuidado com os quintais, que de certa forma é uma prática terapêutica; a ingestão de alimentos cultivados localmente; a criação de animais e as relações afetivas criadas com os mesmos; o sentimento de pertencer a uma comunidade; a proximidade entre familiares; a prática de atividades físicas, nas lavouras ou em caminhadas; o contato com a flora e a fauna; dentre outros.

Acredita-se que esta e outras pesquisas etnobotânicas desenvolvidos na região têm o potencial de contribuir com informações para embasar o enquadramento do PMLP de forma que a riqueza cultural presente no Sertão do Ribeirão seja levada em consideração. Numa perspectiva mais otimista, estudos realizados na área podem despertar o interesse de órgãos públicos sobre os problemas enfrentados pela comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. & NETO, E.M.F.L. 2008a. Seleção e escolha dos participantes da pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. & CUNHA, L.V.F.C.C. (orgs.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2ª ed. Recife: COMUNIGRAF.
- ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. & ALENCAR, N.L. 2008b. Métodos e técnicas para a coleta de dados etnobotânicos. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. & CUNHA, L.V.F.C.C. (orgs.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2ª ed. Recife: COMUNIGRAF.
- ALCORN, J.B. 1995. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R.E. & von REIS, S. (eds.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Portland: Dioscorides Press.
- ALEXIADES, M.N. 1996. Collecting ethnobotanical data: an introduction to basic concepts and techniques. In: ALEXIADES, M.N. (ed.). **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York: The New York Botanical Garden.
- AMOROZO, M.C.M. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Laverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 16(2): 189-203.
- AMOROZO, M.C.M. 2004. Pluralistic medical settings and medicinal plant use in rural communities, Mato Grosso, Brazil. **Journal of Ethnobiology**. 24(1): 139-161.
- AMOROZO, M.C.M. & VIERTLER, R.B. 2008. A abordagem qualitativa na coleta e análise de dados etnobotânicos. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. & CUNHA, L.V.F.C.C. (orgs.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2ª ed. Recife: COMUNIGRAF.
- ASSIS, A.L.A.A. 2007. **Os agricultores tradicionais do Sertão do Ribeirão (Florianópolis - SC) e a conservação de diversidade de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz - Euphorbiaceae)**. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Graduação em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.
- BALICK, M.J. & COX, P.A. 1997. **Plants, people and culture**. New York: Scientific American Library.
- BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N. & TAMASHIRO, J.Y. 2002. Medicinal plants in the Atlantic Forest (Brazil): knowledge, use and conservation. **Human Ecology** 30(3): 281-299.

CARUSO, R.C. & CARUSO, M.M.L. 1997. **Vida e cultura açoriana em Santa Catarina**. Florianópolis: Cultura Catarinense.

CHECHETTO, F. 2006. Plantas medicinais, transdisciplinaridade e saúde coletiva. Lages: **Revista de Ciências Agroveterinárias** 5(1): 45-52.

CORRÊA, M.P. 1926. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

CUNHA, M.C. 1999. Populações tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica. São Paulo: **Estudos Avançados** 13(36).

DAVIS, E.W. 1995. Ethnobotany: an old practice, a new discipline. In: SCHULTES, R.E. & von REIS, S. (eds.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Portland: Dioscorides Press.

ESTERCI, N. 2008. Populações tradicionais. In: RICARDO, B. & CAMPANILLI, M. (eds.). **Almanaque Brasil Socioambiental**. São Paulo: ISA.

GOTELLI, N.J. & ENTSMINGER, G.L. 2009. **EcoSim: null models software for ecology**. Acquired Intelligence Inc. & Kesey-Bear. Jericho, VT 05456. [on line]. Disponível em: <http://www.garyentsminger.com/ecosim/index.htm>. (Acessado em 19/05/09).

HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J.Y.; LEITÃO-FILHO, H.F. & BEGOSSI, A. 2000. Diversity of plant uses in two caçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. **Biodiversity and Conservation** 9: 597-615.

HANAZAKI, N. 2006. Etnobotânica e conservação: manejar processos naturais ou manejar interesses opostos? In: MARIATH, J.E.A. & SANTOS, R.P. (eds.). **Os avanços da Botânica no início do século XXI: morfologia, fisiologia, taxonomia, ecologia e genética. Conferências Plenárias e Simpósios do 57º Congresso Nacional de Botânica**. Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil.

International Society of Ethnobiology (ISE). 2009. **Código de Ética**. [on line]. Disponível em: http://ise.arts.ubc.ca/global_coalition/ethics.php. (Acessado em 07/06/09).

LACERDA, V.D. 2008. **Quintais do Sertão do Ribeirão: agrobiodiversidade sob um enfoque etnobotânico**. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Graduação em Ciências Biológicas,

Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.

LEI MUNICIPAL de Florianópolis nº 1828 de 04 de dezembro de 1981. [on line]. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/portal/meioambiente/pdf/legislacao/Decreto_Municipal_N_091_82.pdf. (Acessado em 05/06/09).

LORENZI, H. & MATOS, F.J.A. 2008. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2ª ed. Nova Odessa: Plantarum.

LORENZI, H. & SOUZA, H.M. 2000. **Plantas daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas**. Nova Odessa: Plantarum.

LORENZI, H. & SOUZA, V.C. 2008. **Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG II**. 2ª ed. Nova Odessa: Plantarum.

LOURTEIG, A. 1969. **Litráceas**. Itajaí: Herbário "Barbosa Rodrigues" (Flora ilustrada catarinense).

MEDEIROS, M.F.T.; FONSECA, V.T. & ANDREATA, R.H.P. 2004. Plantas medicinais e seus usos pelos sitiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** **18**(2): 391-399.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). [on line]. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/noticias/programa-nacional-de-plantas-medicinais-e-fitoterapicos-disponibiliza-consulta-publica-1>. (Acessado em 12/06/09).

MINNIS, P.E. 2000. Introduction. In: MINNIS, P.E. (ed.). **Ethnobotany: a reader**. Norman: U. Oklahoma Press.

Missouri Botanical Garden (MOBOT). **TROPICOS**. [on line]. Disponível em: <http://www.mobot.org>. (Acessado em 12/05/09).

MIRANDA, T.M. 2006. **Etnobotânica de restinga em comunidades caiçaras da ilha do Cardoso (SP) e da ilha de Santa Catarina (SC)**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Biologia Vegetal, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.

ODUM, E.P., 1988. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

PENTEADO, A. N. 2002. **Subsídios para o plano de manejo do Parque Municipal da Lagoa do Peri - ilha de Santa Catarina, Florianópolis, SC.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Engenharia Ambiental, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.

PEREIRA, S.M. 1997. **O processo de implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) em Florianópolis, 1989-1994.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.

PEREIRA, M.A. 2001. **Diagnóstico físico e socioambiental do Parque Municipal da Lagoa do Peri, subsídios ao plano de manejo.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.

PERONI, N.; MIRANDA, T. & HANAZAKI. 2007. Aspectos específicos do acesso ao patrimônio genético e do conhecimento tradicional associado à biodiversidade. In: BOEF, W.S.; THIJSEN, M.H.; OGLIARI, J.B. & STHAPIT, B. (eds.). **Biodiversidade e agricultores: fortalecendo o manejo comunitário.** Porto Alegre: L&PM.

PERONI, N.; ARAÚJO, H.F.P. & HANAZAKI, N. 2008. Métodos ecológicos na investigação etnobotânica e etnobiológica: o uso de medidas de diversidade e estimadores de riqueza. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P. & CUNHA, L.V.F.C.C. (orgs.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica.** 2ª ed. Recife: COMUNIGRAF.

PILLA, M.A.C.; AMOROZO, M.C. & FURLAN, A. 2006. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20(4): 789-802.

PINTO, E.P.P.; AMOROZO, M.C.M. & FURLAN, A. 2006. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica - Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 20(4): 751-762.

PRANCE, G. & NESBITT, M. 2005. **The cultural history of plants.** New York: Routledge.

REITZ, R. 1954. Plantas Medicinais de Santa Catarina. Itajaí: **Anais botânicos do herbário Barbosa Rodrigues** 6(6): 259-300.

Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RESINUS). [on line]. Disponível

em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/RENISUS.pdf>. (Acessado em 21/06/09).

SACCO, J.C. 1980. **Passifloráceas**. Itajaí: Herbário “Barbosa Rodrigues” (Flora ilustrada catarinense).

SALGADO, G. 2002. **Integração do sensoriamento remoto e sistema de informações geográficas para análise temporal do uso da terra: Parque Municipal da Lagoa do Peri, Florianópolis - SC**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.

SCHÄFFER, W.B. & PROCHNOW, M. 2002. **A Mata Atlântica e você: como preservar, recuperar e se beneficiar da mais ameaçada floresta brasileira**. Brasília: APREMAVI.

SANDWITH, N.Y. & HUNT, D.R. 1974. **Bignoniáceas**. Itajaí: Herbário “Barbosa Rodrigues” (Flora ilustrada catarinense).

SEGRE, M. & FERRAZ, F.C. 1997. O conceito de saúde. São Paulo: **Revista de Saúde Pública** 31(5) p.538-542.

SILVA, A.A.S. 2000. **Parque Municipal da Lagoa do Peri subsídios para o gerenciamento ambiental**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.

Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), 2004. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000; decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002**. 5ª ed. Brasília: MMA/SBF.

SMITH, L. B. & DOWNS, R.J. 1972. **Amarantáceas**. Itajaí: Herbário “Barbosa Rodrigues” (Flora ilustrada catarinense).

VATTIMO, I. 1979. **Lauráceas**. Itajaí: Herbário “Barbosa Rodrigues” (Flora ilustrada catarinense).

VIEIRA, S. 1991. **Introdução à bioestatística**. Rio de Janeiro: Campos.

WATANABE, S. 1997. **GLOSSÁRIO de Ecologia**. 2ª ed. São Paulo: ACIESP.

World Health Organization (WHO). 2007. **International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems**. 10th revision. [on line]. Disponível em: <http://www.who.int/classifications/apps/icd/icd10online/>. (Acessado em 15/11/08).

WURDACK, J.J. & SMITH, L.B. 1971. **Poligaláceas**. Itajaí: Herbário “Barbosa Rodrigues” (Flora ilustrada catarinense).

ANEXOS

Anexo 01 – Formulário de caracterização sócio-econômica

INFORMANTE:

Nome do entrevistador: _____		Data: _____
Número da casa: _____	Bairro: _____	Número da entrevista: _____
1. Nome: _____		2. Sexo: _____ 3. Idade: _____
4. Estado civil: _____	5. Número de filhos: _____	6. Número de residentes: _____
7. Local de nascimento: _____		
8. Tempo de residência no local: _____		
9. Residência / Sítio: () própria () alugada () outros: _____		
10. Principal fonte de renda: _____		
11. Telefone: _____		

1) Qual a renda mensal da família em reais ou em salários mínimos?

- | | | | |
|-----------|-----------|-------------|----------|
| () até 1 | () 4 a 6 | () 10 a 15 | () > 20 |
| () 2 a 3 | () 7 a 9 | () 16 a 20 | |

2) Recebem algum benefício do governo federal, governo estadual ou da prefeitura?

- () Bolsa família () Bolsa escola () Vale gás () Outro _____

Anexo 02 – Termo de Consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA E ZOOLOGIA

Termo de Consentimento (Anuência Prévia)

Sou Mariana Giraldi, estudante da Universidade Federal de Santa Catarina, aqui em Florianópolis, e estou desenvolvendo um trabalho sobre o uso e o conhecimento de plantas medicinais aqui na comunidade. O título do trabalho é: *“Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais na comunidade do Sertão do Ribeirão, Parque Municipal da Lagoa do Peri, Florianópolis, SC”*

O trabalho será apresentado na minha universidade em meados de 2009, como sendo o meu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Ciências Biológicas. Além de mim, está envolvida no projeto a professora Natália Hanazaki, minha orientadora.

O que queremos com este trabalho é aprender com vocês sobre as plantas medicinais conhecidas e usadas aqui no Sertão do Ribeirão. Algumas amostras de plantas poderão ser coletadas (folhas e frutos) e levadas para o laboratório, apenas para serem identificadas. Não vamos fazer nenhum trabalho de extração de princípios ativos; o nosso objetivo é estudar o conhecimento local sobre as plantas. Mas para que este trabalho possa ser realizado e possamos conhecer as plantas, gostaríamos de pedir autorização para visitá-lo (a), conversar sobre os usos e para coletar algumas plantas em seu quintal ou roça, assim como tirar algumas fotos das plantas e de vocês. A qualquer hora o senhor ou a senhora pode parar nossa conversa ou desistir de participar do trabalho, sem trazer nenhum prejuízo. É importante destacar que não temos nenhum objetivo financeiro e que os resultados da pesquisa serão passados a vocês e só serão usados para comunicar outros pesquisadores e revistas relacionadas à universidade.

Caso tenha alguma dúvida basta me perguntar, ou nos telefonar. Nosso telefone e endereço são: Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, Centro de Ciências Biológicas / Departamento de Ecologia e Zoologia, Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Trindade, CEP 88010-970 Telefone: 3721-9460.

Entrevistado: Depois de saber sobre a pesquisa, de como será feita, do direito que tenho de não participar ou desistir dela sem prejuízo para mim e de como os resultados serão usados, eu concordo em participar desta pesquisa.

Entrevistado

Entrevistador

Data:

Município, Localidade

Anexo 03 – Autorização da Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis

FLORAM

Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis
Rua Conselheiro Mafra, 670 – CEP 88015-600 - Centro
Fone/FAX: (48) 3222.4343 - CGC 00.909.972/0001-01

	Protocolo nº NI 0808/08	Data: 17/04/08
PARECER TÉCNICO Nº:	021/2008 – GERUC	
DESTINO:	Diretor Superintendente	
REQUERENTE:	Profª. Natalia Hanazaki	
ASSUNTO:	Projeto de pesquisa em unidade de conservação – Parque Municipal da Lagoa do Peri	

A Profª. Natalia Hanazaki, do Departamento de Ecologia e Zoologia – Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica – Centro de Ciências Biológicas da UFSC, requer autorização para que seja realizada a pesquisa intitulada “Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais na comunidade do Sertão do Ribeirão”, dentro dos limites do Parque Municipal da Lagoa do Peri.

A pesquisa é parte de um projeto de iniciação científica do curso de Graduação em Ciências Biológicas da UFSC, a ser desenvolvido pela aluna Mariana Giraldi, sob a coordenação da requerente.


A solicitação está de acordo com o estabelecido no item X do Art. 4º e item IV do Art. 5º da Lei nº 9.985/00, que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC, bem como com o item II do Art. 2º da Lei nº 1.828/81 (que cria o Parque Municipal da Lagoa do Peri), que estabelece a pesquisa científica como atividade que pode ser permitida em unidades de conservação (lei do SNUC) e, especificamente no Parque Municipal da Lagoa do Peri (lei municipal).

Considerando que pesquisas científicas, além de permitidas são recomendáveis nas unidades de conservação cuja gestão cabe à FLORAM, até mesmo como forma de obter subsídios para a elaboração dos planos de manejo das unidades de conservação consideradas, somos de parecer favorável à emissão de autorização para que se proceda à pesquisa solicitada.

Por outro lado, para que os resultados da pesquisa venham a reverter em benefícios efetivos para esta unidade de conservação, e visando o enriquecimento do banco de dados referente às unidades de conservação do Município, sugerimos o condicionamento da autorização à apresentação formal dos resultados da pesquisa, para os gestores, funcionários e convidados interessados na gestão dos parques, quando de sua conclusão, além da entrega em meio impresso e digital (formato PDF) de cópia do trabalho final.

É o parecer.

Florianópolis, 07 de maio de 2008.


Biólogo Danilo da Silva Funke
CRBio 04273-03 / Técnico Responsável
Gerente de Unidades de Conservação



Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis
Rua Conselheiro Mata, 855 CEP 68010-814 - CENTRO FONE/FAX: (48) 3222-4343 - OSC 06.904.972-0001-01

AUTORIZAÇÃO Nº 012/2008 - GERUC

DATA: 07/05/08

Nº DOPROTOCOLO:	NI nº 0808/08
REQUERENTE:	Profª. Natalia Hanazaki – ECZ-CCB-UFSC
ASSUNTO:	Pequisa para projeto de iniciação científica
VALIDADE:	12 (doze) meses

A Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis - FLORAM, com base no Art. 4º, inciso XX da Lei nº 4.645/95, e no que consta no Parecer Técnico nº 021/08-GERUC, autoriza a requerente a realizar a pesquisa "Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais na comunidade do Sertão do Ribeirão", dentro dos limites do Parque Municipal da Lagoa do Peri.

O Parque Municipal da Lagoa do Peri representa uma importante Unidade de Conservação do Município de Florianópolis, criado e regulamentado por Legislação Municipal (Lei nº 1828/81 e Decreto nº 991/82). Constitui um espaço especialmente protegido, cuja área é de preservação permanente, e só pode ser utilizada quando não houver comprometimento de sua integridade. Portanto devem ser observadas e obedecidas as recomendações e disposições contidas na legislação supra mencionada, bem como no Parecer Técnico nº 021-GERUC, onde destacamos:

Restrições / Recomendações:

- Quaisquer danos ao ambiente natural, durante as pesquisas, são de responsabilidade dos pesquisadores;
- Os pesquisadores deverão atender às normas e determinações da Administração, e zelar pela conservação e manutenção do Parque;
- Eventuais alterações no período da pesquisa devem ser comunicadas para alteração da Autorização.
- Ao final dos trabalhos os pesquisadores deverão apresentar publicamente seus resultados, bem como fornecer uma cópia do trabalho final, impressa e em meio digital, no formato PDF, para integrar o banco de dados das unidades de conservação do Município.

Ressaltamos que as condutas e atividades consideradas lesivas ao ambiente, sujeitam ao infrator a penalidades administrativas, criminais e a reparar o dano.

Para quaisquer esclarecimentos entrar em contato com o Gerente das Unidades de Conservação, pelo telefone 3237.5660.

Engº José Carlos Rauén
Diretor Superintendente

Engº Marco Aurélio Abreu
Diretor de Operações

Esta Autorização não dispensa nem substitui outras Autorizações, Licenças ou Alvarás requeridos pela legislação Estadual e/ou Federal.

Anexo 04 – Formulário utilizado nas entrevistas sobre plantas medicinais

“Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC, Brasil”

Informante: _____ Data: _____ Entrevista nº: _____

Nº	Nome popular	Uso medicinal	Parte utilizada	Modo de Preparo	Administração	Armazenamento	Forma de obtenção
01			<input type="checkbox"/> folha <input type="checkbox"/> raiz <input type="checkbox"/> caule <input type="checkbox"/> flor <input type="checkbox"/> fruto	<input type="checkbox"/> infusão <input type="checkbox"/> decocção <input type="checkbox"/> maceração <input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> interna <input type="checkbox"/> externa	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	<input type="checkbox"/> silvestre <input type="checkbox"/> cultivada <input type="checkbox"/> comprada <input type="checkbox"/> _____
02			<input type="checkbox"/> folha <input type="checkbox"/> raiz <input type="checkbox"/> caule <input type="checkbox"/> flor <input type="checkbox"/> fruto	<input type="checkbox"/> infusão <input type="checkbox"/> decocção <input type="checkbox"/> maceração <input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> interna <input type="checkbox"/> externa	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	<input type="checkbox"/> silvestre <input type="checkbox"/> cultivada <input type="checkbox"/> comprada <input type="checkbox"/> _____
03			<input type="checkbox"/> folha <input type="checkbox"/> raiz <input type="checkbox"/> caule <input type="checkbox"/> flor <input type="checkbox"/> fruto	<input type="checkbox"/> infusão <input type="checkbox"/> decocção <input type="checkbox"/> maceração <input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> interna <input type="checkbox"/> externa	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	<input type="checkbox"/> silvestre <input type="checkbox"/> cultivada <input type="checkbox"/> comprada <input type="checkbox"/> _____
04			<input type="checkbox"/> folha <input type="checkbox"/> raiz <input type="checkbox"/> caule <input type="checkbox"/> flor <input type="checkbox"/> fruto	<input type="checkbox"/> infusão <input type="checkbox"/> decocção <input type="checkbox"/> maceração <input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> interna <input type="checkbox"/> externa	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	<input type="checkbox"/> silvestre <input type="checkbox"/> cultivada <input type="checkbox"/> comprada <input type="checkbox"/> _____
05			<input type="checkbox"/> folha <input type="checkbox"/> raiz <input type="checkbox"/> caule <input type="checkbox"/> flor <input type="checkbox"/> fruto	<input type="checkbox"/> infusão <input type="checkbox"/> decocção <input type="checkbox"/> maceração <input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> interna <input type="checkbox"/> externa	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	<input type="checkbox"/> silvestre <input type="checkbox"/> cultivada <input type="checkbox"/> comprada <input type="checkbox"/> _____
06			<input type="checkbox"/> folha <input type="checkbox"/> raiz <input type="checkbox"/> caule <input type="checkbox"/> flor <input type="checkbox"/> fruto	<input type="checkbox"/> infusão <input type="checkbox"/> decocção <input type="checkbox"/> maceração <input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> interna <input type="checkbox"/> externa	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	<input type="checkbox"/> silvestre <input type="checkbox"/> cultivada <input type="checkbox"/> comprada <input type="checkbox"/> _____
07			<input type="checkbox"/> folha <input type="checkbox"/> raiz <input type="checkbox"/> caule <input type="checkbox"/> flor <input type="checkbox"/> fruto	<input type="checkbox"/> infusão <input type="checkbox"/> decocção <input type="checkbox"/> maceração <input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> interna <input type="checkbox"/> externa	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	<input type="checkbox"/> silvestre <input type="checkbox"/> cultivada <input type="checkbox"/> comprada <input type="checkbox"/> _____

“Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais na comunidade do Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil”

Informante: _____ Entrevista nº: _____

Nº	Como aprendeu?	Já usou?	Usou nos últimos 6 meses	Observações extras	Coleta	Foto
01	<input type="checkbox"/> pais <input type="checkbox"/> avós <input type="checkbox"/> vizinhos <input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não			
02	<input type="checkbox"/> pais <input type="checkbox"/> avós <input type="checkbox"/> vizinhos <input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não			
03	<input type="checkbox"/> pais <input type="checkbox"/> avós <input type="checkbox"/> vizinhos <input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não			
04	<input type="checkbox"/> pais <input type="checkbox"/> avós <input type="checkbox"/> vizinhos <input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não			
05	<input type="checkbox"/> pais <input type="checkbox"/> avós <input type="checkbox"/> vizinhos <input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não			
06	<input type="checkbox"/> pais <input type="checkbox"/> avós <input type="checkbox"/> vizinhos <input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não			
07	<input type="checkbox"/> pais <input type="checkbox"/> avós <input type="checkbox"/> vizinhos <input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não			

1 – Em sua opinião, as plantas medicinais são importantes? Por quê?

2 – O(a) Sr.(a) utilizou medicamentos industrializados nos últimos seis meses? Se sim, para que finalidades?

Anexo 05 – Ilustrações das espécies mais representativas



Maçanilha
(*Chamomilla recutita*)



Hortelã-branca
(*Mentha* sp1.)



Hortelã-roxa
(*Mentha* sp2.)



Limão
(*Citrus limon*)



Laranja
(*Citrus aurantium*)



Erva-cidreira
(*Melissa officinalis*)



Quebra-pedra
(*Phyllanthus tenellus*)



Espinheira-santa
(*Zollernia ilicifolia*)



Boldo-da-terra
(*Plectranthus grandis*)



Boldo-da-Amazônia
(*Vernonia condensata*)



Capim-limão
(*Cymbopogon citratus*)



Pata-de-vaca
(*Bauhinia forficata*)

Fotos (Mariana Giraldi)

Anexo 06 – Folder (capa e contracapa)



Anexo 07 – Cartilha

